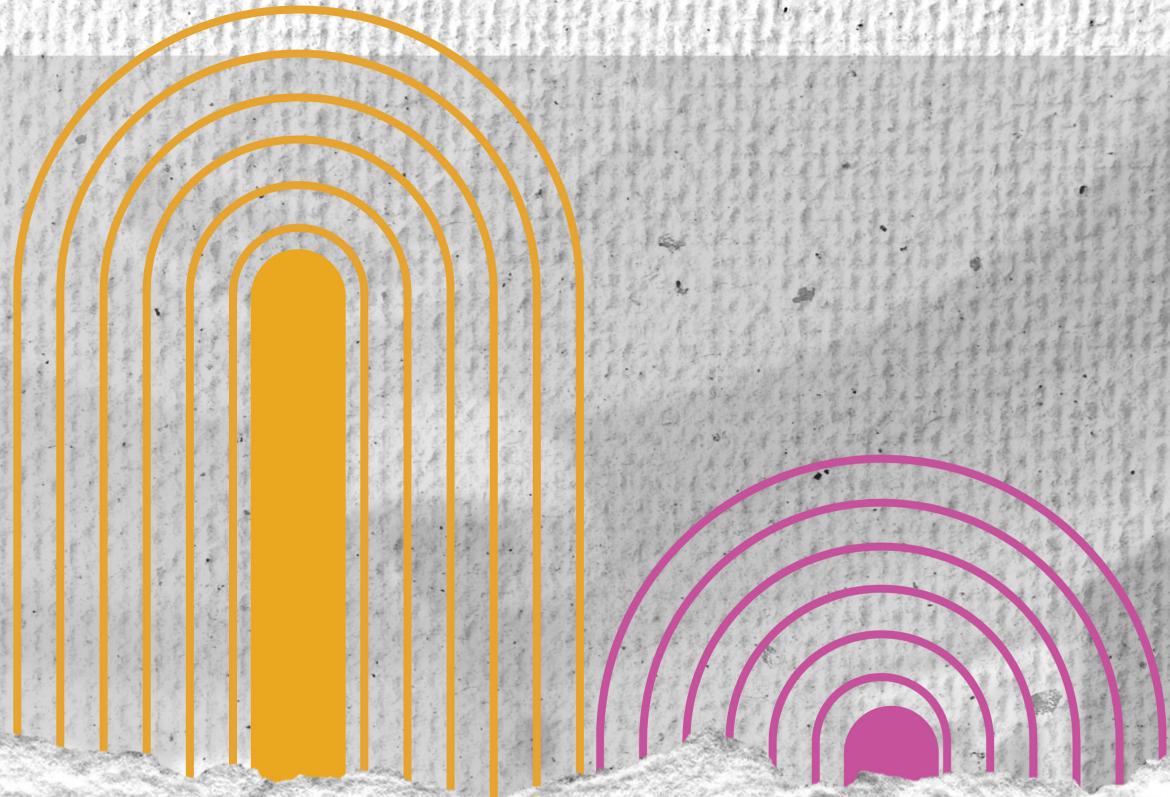
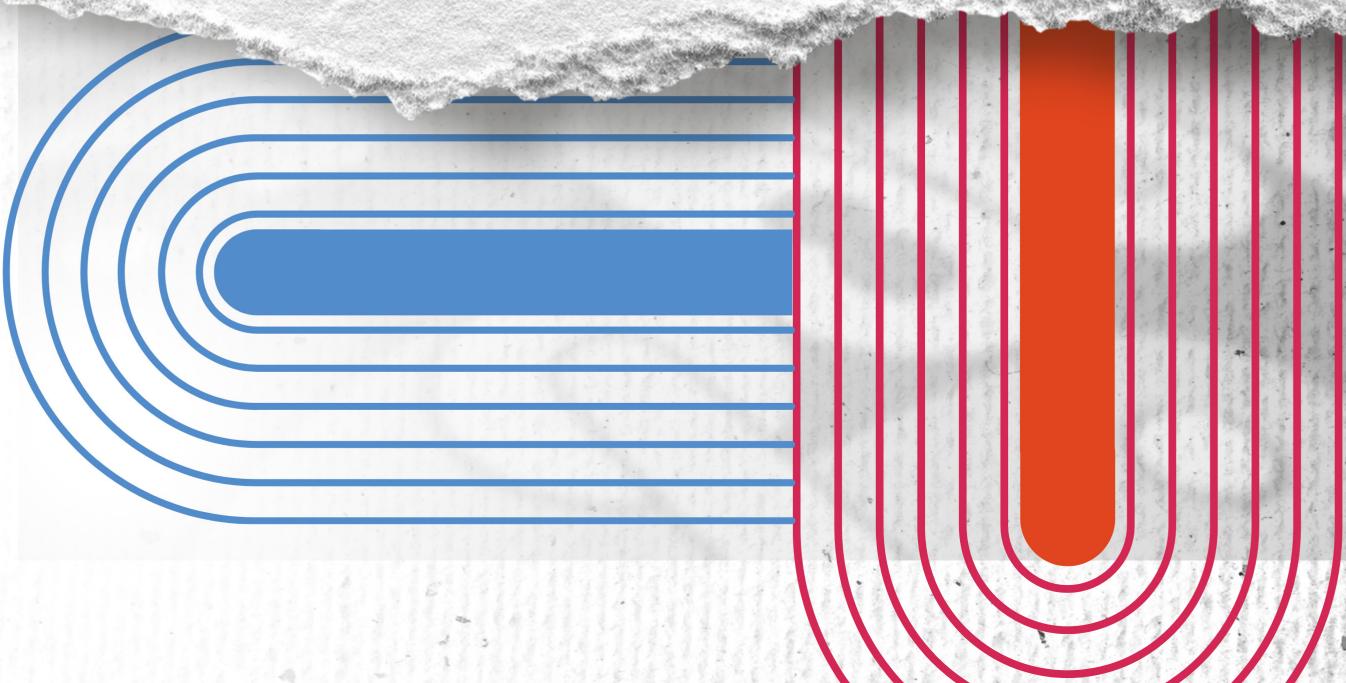


ANO III - N°10
JUL/AGO/SET - 2022
ISSN: 2675 - 7567



REVISTA

Dint
br



Nossa equipe

EDITOR-CHEFE

Paulo Oliveira
editoria@revistadintbr.com.br

CIRCULAÇÃO E MARKETING

marketing@revistadintbr.com.br

DIAGRAMAÇÃO

Susana Furlanetto
idinteriores@yahoo.com.br
Paulo Oliveira
paulooliveira@revistadintbr.com.br

PARA PUBLICAR

editoria@revistadintbr.com.br
parlatorio@revistadintbr.com.br
conselhoeditorial@revistadintbr.com.br

PARA ANUNCIAR

marketing@revistadintbr.com.br
REF: Publicidade

PARA APOIAR

contato@revistadintbr.com.br

PARTICIPAM NESSA EDIÇÃO:

Abraão Carlos, Alyc Martins Duarte, Ana Carla Furst, Ana Carolina Mendonça, Ana Célia Carneiro Oliveira, Andrea Kasper, Bete Branco, Denise Borges Alonge, Paulo Oliveira, Rafael Rodrigues de Moraes, Rosangela Bimonti, Thábata Brito, Thiego Brandão.

CONSELHO EDITORIAL:

Prof.a. Ms.a. Ana Célia Carneiro Oliveira
Prof.a. Dra. Andrea de Aguiar Kasper
Prof. Dr. Bianco Zalmora Garcia
Prof.a.Ms.a. Bruna Villas-Bôas Dória Lins
Prof. Ms. Carlos Magno Pereira
Prof. Dr. Josivan Pereira da Silva
Prof. Esp. Neandro Vasconcelos do Nascimento
Prof.a. Dra. Nadja Maria Mourão, phd

Prof.a. Dra. Nora Guimarães Geoffroy

Prof.a. Dra. Samantha Cidaley de Oliveira Moreira

Prof.a.Ms.a. Thabata Regina de Souza Brito
Prof.Ms. Thiego Barros de Almeida Brandão

CONSELHO DELIBERATIVO:

Abraão Carlos
Adelle Mendes
Nora Geoffroy
Rodrigo Assis
Rosana Silva
Samantha Cidaley
Thiego Brandão

EQUIPE INSTAGRAM:

Paulo Oliveira
Rosana Silva
Abraão Carlos

EQUIPE YOUTUBE:

Paulo Oliveira
Rodrigo Assis

ADMINISTRAÇÃO

contato@revistadintbr.com.br

Design de Interiores Brasil

Rua José Manoel dos Santos, 99

Fazenda d'Oeste I

Araçoiaba da Serra/SP

CEP 18190-000

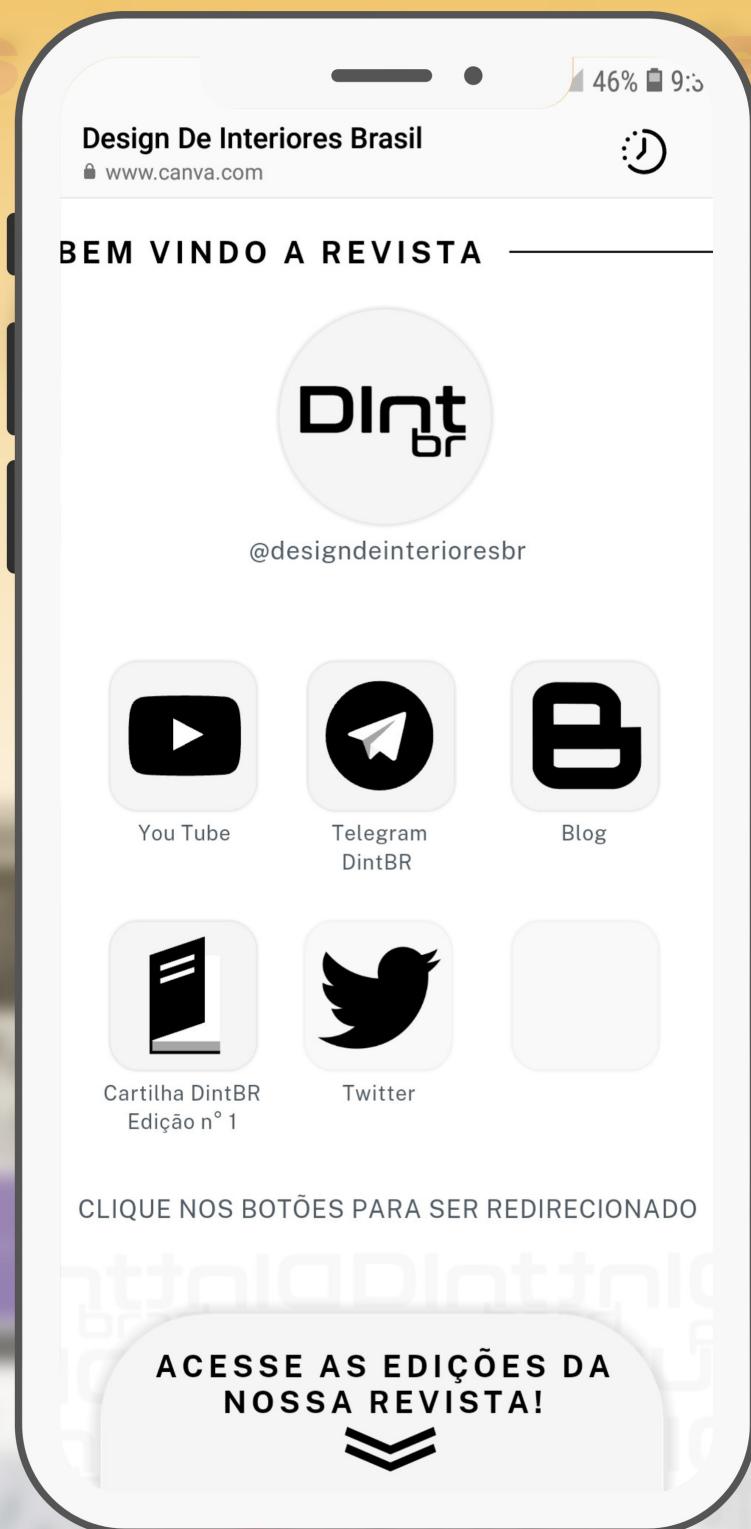
Telefone: (15) 99185-1018

Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação desta obra só pode ser realizada com a autorização expressa de seus titulares, salvo exceção prevista na Lei.

CONHEÇA NOSSAS MÍDIAS SOCIAIS

NOSSAS MÍDIAS SOCIAIS

NOSSAS MÍDIAS SOCIAIS



LINK NA BIO DO INSTAGRAM
@DESIGNDEINTERIORESBR

Índice

1. Editorial	7
	Paulo Oliveira
2. Cores	10
Qual a função de uma “cor do ano”?	
	Bete Branco
3. Design para a felicidade	15
Lembrar para ser feliz.	
	Ana Célia Carneiro Oliveira
4. Design Efêmero	21
Carta aberta ao Efêmero.	
	Abraão Carlos
5. Home Staging	31
Os sentidos do Design.	
	Ana Carolina Mendonça
6. Método de Design	37
Breve contextualização do método projetual para o Design de Interiores.	
	Thábata Brito
7. Ergonomia	43
Antropometria: definições e aplicações gerais no Design de Interiores - parte I.	
	Andrea Kasper
8. Design para a Saúde	53
Design de Interiores para wellness spaces.	
	Thiego Brandão
9. Parlatório	61
Design geek	
	Alicy Martins Duarte
Ecodesign	
	Ana Carla Furst
10. Materiais, Acabamentos e Equipamentos	65

11. Especial: Regulamentação	75
Você conhece a história da regulamentação do DInt aqui no Brasil? - Parte I.	
	Paulo Oliveira
12. Nossa História	90
Giulio Rosso: designer de interiores.	
	Denise Borges Alonge
	Rafael Rodrigues de Moraes
12. Bibliografia Indicada	98
	Revista DIntBR
13. Opinião	104
Design de Interiores em habitações de interesse social.	
	Ana Carla Furst

AVISO

CREA / CONFEA

O CONFEA AUTORIZOU O INGRESSO DOS DIPLOMADOS EM DESIGN DE INTERIORES, DE NÍVEL SUPERIOR, NOS CREA/UFS.

VERIFIQUE NO SITE DO CREA DE SEU ESTADO SE SEU CURSO ESTÁ CADASTRADO.

SE NÃO ESTIVER, SOLICITE À COORDENAÇÃO DE SEU CURSO QUE FAÇA O CADASTRO COM URGÊNCIA.

FAÇA SEU CADASTRO, OBSERVANDO A LISTA DE DOCUMENTOS EXIGIDOS.

E VAMOS MUDAR ESSE PAÍS!

REVISTA

Dint
br

Não é só um desenho...

E chegamos à nossa décima edição!

Quem diria que um sonho maluco e ambicioso - porém muito necessário à nossa profissão - fosse chegar até aqui não é mesmo?

Nas nove edições anteriores, como editor da Revista DIntBR, busquei elencar temas para cada uma delas que serviram como eixo norteador do tom da revista, o que pretendia e qual o formato que ela deveria ter: sair de vez fora da caixinha e mostrar o Design de Interiores como ele realmente é.

Acredito que consegui alcançar o objetivo fazendo com que nossos colunistas compreendessem O QUE a Revista DIntBR deve ser e a importância de sair do discurso comum explorando as diversas possibilidades e a importância do Design de Interiores.

A partir dessa edição - bastante esperada e comemorada por nossa equipe - não serão mais utilizados temas. Para além dos motivos já expostos, essa decisão deixa nossos colunistas livres para expandir e expor suas próprias pesquisas e abordagens. Isso inclui a quebra da exclusividade nos temas das colunas.

Apresentamos também novos colunistas nessa edição! A nossa busca por profissionais graduados que compreendam a importância da Revista DIntBR e comprometidos com a nossa profissão não para nunca. Se você gosta de escrever, entre em contato conosco e vamos, juntos, mostrar à sociedade o que é realmente o Design de Interiores.

Como podem ver, estamos entrando, a partir dessa edição, em uma nova fase da Revista DIntBR: novos produtos e materiais serão lançados e breve e temos a certeza de que os acadêmicos e os profissionais de Design de Interiores irão gostar bastante! E são complementares à Revista para que o mercado e a sociedade compreendam o Design de Interiores.

Boa leitura!

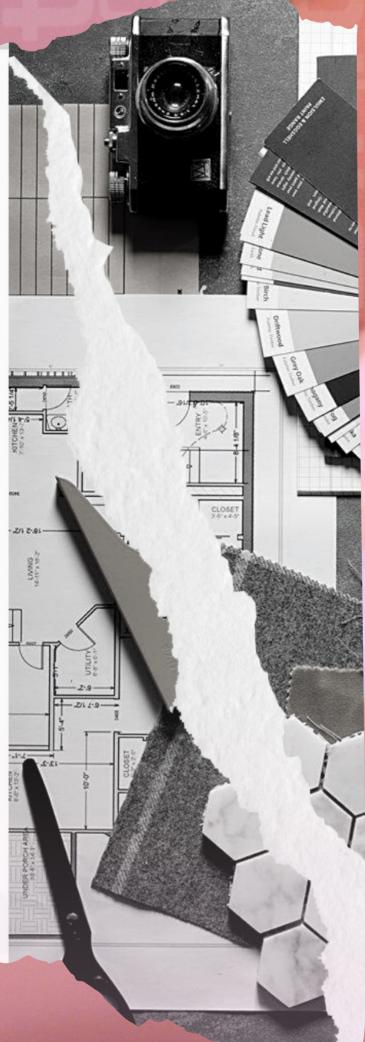
#EstamosJuntos!
PAULO OLIVEIRA
Editor da Revista DIntBR

CONHEÇA O NOSSO GUIA INFORMATIVO SOBRE

DESIGN DE *Interiores*

Você sabe
o que é
Design
de Interiores?

Um guia para quem quer conhecer a profissão o
pensa em contratar um Designer de Interiores



DISPONÍVEL EM:

WWW.REVISTADINTBR.COM.BR



Fonte: Pinterest.



QUAL A FUNÇÃO DE UMA “COR DO ANO”?

Depois de tanto conhecimento difundido sobre o poder das cores para o nosso bem-estar, não podemos mais dissociar a escolha estética de sua função motivacional.

Todo ano os fabricantes de revestimento nos oferecem a “Cor do Ano”. Mas para quem ela é útil? Como escolheram essa cor antes de nos oferecerem?

A escolha da “Cor do Ano” é fruto de uma grande pesquisa de tendências em função de um panorama global, considerando que os principais fabricantes alcancem vários países e diferentes culturas com suas vendas.

Para tanto, são formadas equipes de pesquisadores (geralmente designers e arquitetos) de várias regiões do planeta, a fim de coletar os principais movimentos socioeconômicos, políticos, ambientais, culturais e, consequentemente, comportamentais, que possam ser equilibrados por cores. Isso tudo, lembrando, porque sabe-se que as cores têm esse poder, principalmente através dos ambientes.

É uma proposta muito nobre, considerando-se, por exemplo, os últimos dois anos de pandemia. Foram anos em que o mundo todo sofreu dos mesmos medos, agonias e incertezas, além da vulnerabilidade física. Apesar de cada cultura manifestar-se diferentemente, as motivações foram praticamente as mesmas! E é no campo da motivação que mais podemos ajudar com as cores.

Entretanto, quando pensamos em sugestões cromáticas, precisamos considerar as preferências e necessidades individuais, de cada indivíduo e seu grupo. Não adianta oferecermos uma cor da qual o cliente não gosta – ou ele não vai aceitar, ou vai usar forçadamente, podendo lhe trazer mal-estar.

Sabemos que com a influência do marketing, essas tendências viram modis-

mos onde nossas necessidades sociais nos fazem aderir, sem questionamentos, muitas opções que não nos caem bem. E as consequências só vêm depois.

Sendo assim, cabe a nós profissionais do design, harmonizar estética e terapeuticamente essas “infinitas possibilidades”!

Como exemplo vamos explorar uma das cores definidas como Cor do Ano 2022 por um grande fabricante de tintas, que é um verde. Uma tonalidade específica de “verde dourado”.



Imagen 1: Fonte: [Cor do Ano 2022- ECLIPSE](#).

Costumo brincar dizendo que a cor verde é a cor do “RE”: Reequilíbrio, Regeneração, Resiliência, Revitalização, Reorganização, Renovação, Reconstrução e tantos outros “Res”, que dizem respeito à restauração da vida e do bem-estar. Nenhuma cor poderia ser mais coerente com tudo o que o mundo passou e ainda está passando nesses mais de dois anos. E, nessa tonalidade em especial, ela traz também aconchego e segurança.



Imagen 2: Estados de Espírito – Pandemia. Fonte: BETE BRANCO Design e Cores.

Precisamos construir novos ritmos, novos hábitos e, recomeçar. Precisamos encher o peito e enfrentar mudanças com tranquilidade (verde) e coragem (vermelho) – cores opostas, energias e motivações opostas que sustentam e se

complementam para o equilíbrio.

Mas, quando lembramos que numa decoração é fundamental representarmos a identidade do usuário, precisamos nos dedicar a multiplicar as possibilidades de composições cromáticas, para que possamos oferecer uma cor tão global dentro de diferentes estilos.

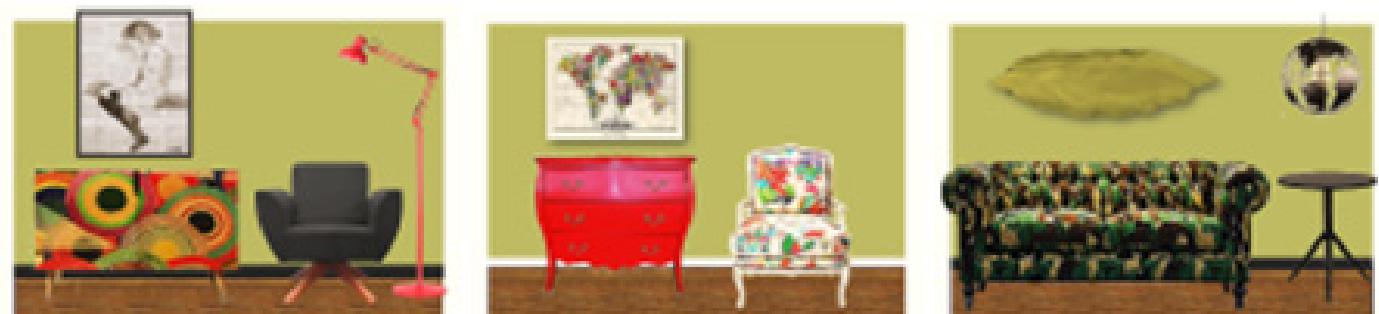


Imagen 3: Diversos estilos, diferentes composições, mesma cor. Fonte: BETE BRANCO Design e Cores.

Além disso, podemos investir nas variações de tonalidade, no contraste com outras e na quantidade de superfícies onde vamos aplicá-la.

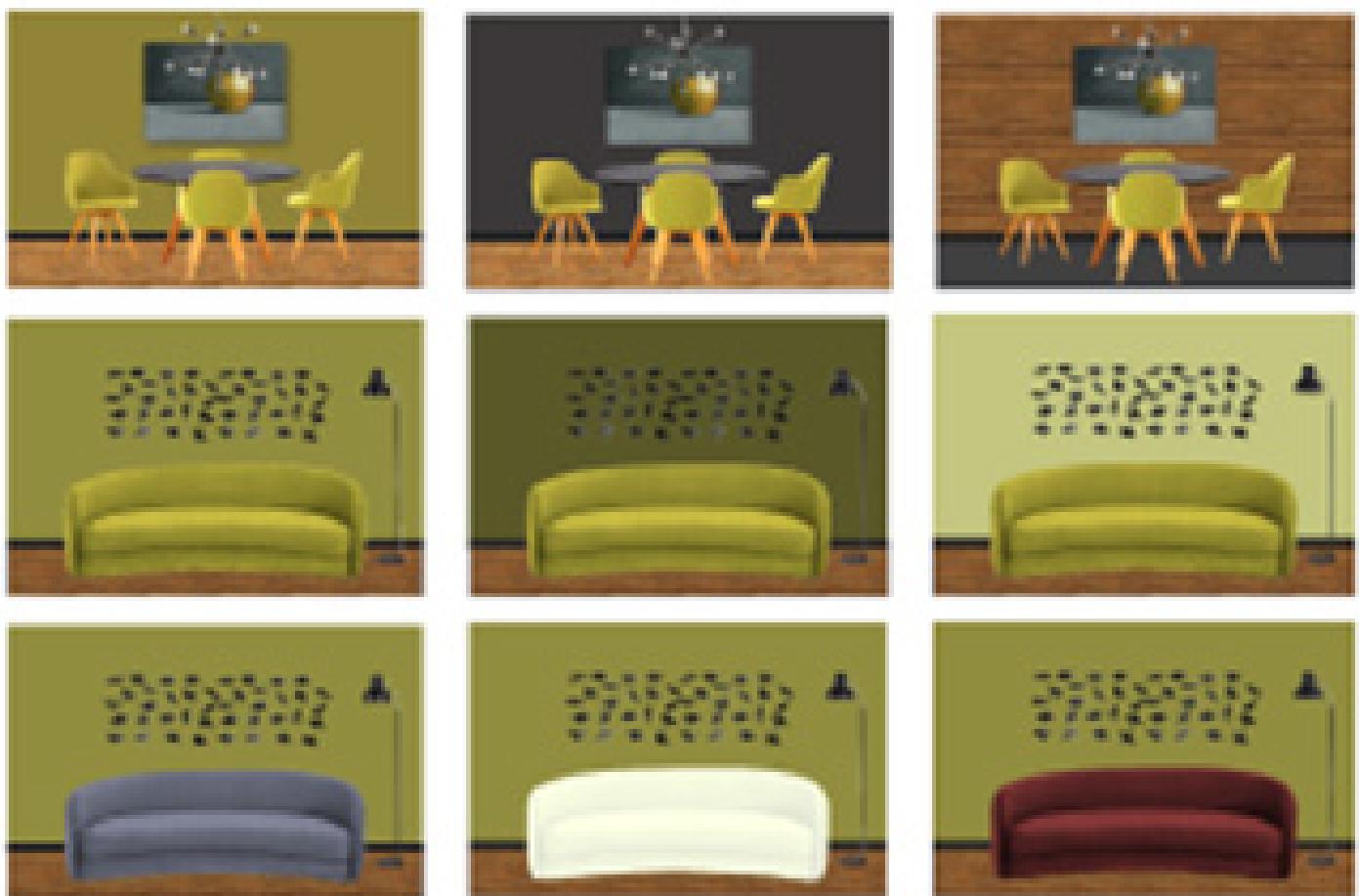


Imagen 4: Diversas variações. Fonte: BETE BRANCO Design e Cores.

Se você amar e se identificar muito com a cor do ano, você provavelmente suportará todas as paredes nessa cor. Caso contrário, pinte apenas painéis ou

use-a no mobiliário ou outros elementos decorativos. Você vai apenas precisar testar composições até achar uma que te agrade.

Um hábito que nos prende muito é o de não repintar a casa. Naturalmente mudar toda a pintura dá trabalho, desconforto e pode sair caro. Mas, pintar um painel atrás da cabeceira ou no pequeno hall de entrada da residência pode trazer mais estímulos do que imaginamos e com baixo custo. Principalmente se você topar se divertir fazendo o serviço. Como sempre, gosto de lembrar que uma latinha de $\frac{1}{4}$ (ou 900 ml) podem cobrir uma superfície com em torno de 10 m², já considerando as duas demãos necessárias. Enfim, é um hábito que nos assusta mais do que deveria considerando-se o benefício!

Outra coisa é mudar as cores do mobiliário – quem não conhece as capas para sofás e cadeiras? São um ótimo recurso e muito mais viável do que trocar o mobiliário. Além do que, elas podem ser personalizadas com pinturas e aplicações.

Enquanto profissionais, precisamos ter criatividade para oferecermos esses recursos aos nossos clientes. Porque RENovar é preciso! E, motivar através do belo e útil é a função do Design!

Podemos então tomar a proposta de “Cor do Ano” como um novo enredo para mais um ano de ânimo e motivação. Principalmente quando estamos adaptando essas propostas ao gosto e às necessidades pessoais do nosso cliente.

E como já disse o poeta: “- Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo!” – Raul Seixas.



2Day-Languages, por Masquespacio. Fonte: Dezeen

Design para a felicidade

Ana Célia Carneiro Oliveira
[@design para a felicidade](https://www.instagram.com/designparaafelicidade)



LEMBRAR PARA SER FELIZ

Quando se pensa em história e cultura do ser humano, dos seus familiares e de suas pessoas próximas, torna-se necessário envolver conceitos coerentes ao uso dos espaços e sua relevância como lugares projetados para a memória.

Esses lugares de memória assumem importante significado por fazerem parte da memória coletiva de determinado grupo familiar e social, a memória de um passado comum e de uma identidade social que faz com que o grupo se sinta parte daquele lugar, esse que constrói a história de todos.

A memória é um elemento central na formação da identidade, capaz de conduzir elementos para a construção da felicidade. Segundo Pesavento (2002), memória, assim colocado, é a “presentificação de uma ausência no tempo, que só se dá pela força do pensamento – capaz de trazer de volta aquilo que teve lugar no passado”.

Ao estarmos presentes em um espaço de valores históricos, esse aflora lembranças de um passado, produzindo sentimentos e sensações que reconstruem ou estimulam o imaginário de momentos e fatos vividos,clareando o presente, ver figura 1, que ilustra lugar de memórias e afetos.

As memórias de cada indivíduo estão fortemente ligadas às construções que sinalizam um passado comum a todos. Cada ser humano determina o lugar dos objetos e das ações que os acompanham, ao rememorar e reconstruir espaços e lugares, em sua moradia, por lembranças da infância ou outras vivências. Cada objeto representa uma memória, mesmo aqueles que, aparentemente, não possuem atrativos. Quantas experiências vividas estão representadas em cada objeto? Quais histórias podem ser contadas por meio dos objetos e como o design de interiores pode contribuir para estes registros?

Sob o olhar do Design de Interiores estudam-se as relações das pessoas com os objetos afetivos, e observa-se uma necessidade cada vez maior de intervenções do designer para alcançar uma melhor relação: produto - ambiente - sociedade.

Atualmente, os objetos são elementos essenciais do cotidiano, mediador das relações, entre o homem e a sociedade atribuindo valores que perpassam as necessidades e que vai de encontro à memória e à emoção.



Figura 1: Lugar de memórias e afetos. Fonte: [Revista AG - A Gazeta](#).

Não apenas os seus humanos lembram-se das coisas, como também grupos e as mais diversas coletividades. Ou seja, os modos de recordar são marcantes culturalmente, variam ao longo do tempo e segundo a formação cultural em que são criados.

O estudo da memória também passou por modificações conceituais a partir da década de 1920. Ao mostrar que a memória é uma construção social, Halbwachs (2006) também apontou que os indivíduos recordam daquilo que consideram importante para seu grupo. Para ele, as lembranças são sempre coletivas, pois, mesmo que em determinadas circunstâncias se esteja materialmente só, o indivíduo recorda tendo como referenciais composições simbólicas e culturais de um grupo social.

O lugar se torna um referencial para a memória. As casas e seus quintais (figura 2) têm histórias para contar e podem ser associadas a pessoas e acontecimentos. A cotidianidade, segundo Tuan (1980) decorre da experiência com o lugar, criando relações e intimidade. É ali que estão os objetos comuns do seu dia-a-dia, transformando aquele espaço de saberes em lugar de viver o cotidiano.



Figura 2: Quintal de memórias e afetos. Fonte: [Pinterest](#).

As emoções podem gerar as escolhas do ser humano, pois elas fazem parte do campo das opções. Norman (2008), diz que as emoções servem, inclusive, de direção para o comportamento humano. Segundo ele, quem entra em ação nessa hora é o sistema afetivo – o responsável, em nosso organismo, por julgar o que é bom ou ruim, seguro ou perigoso. Nada a ver com a razão ou com a lógica. Para o autor a explicação para esse fenômeno é simples: quando o ser humano se depara com algo que julga atraente, isso motiva uma sensação de bem-estar. Busca-se um lugar passível de ser sentido, pensado, acomodado e vivido por meio do corpo, capaz de trazer emoções positivas, bem-estar e felicidade.

Bem... um cheiro, uma canção ou um objeto que visualizamos tem a capacidade de nos transportar para outro lugar, de fazer nascer as lembranças. No caminho da

nossa experiência vamos juntando uma série de experiências e sensações que envolvem a nossa história (figura 3). Toda isso faz quem somos, e é em nosso lar que conseguimos ser nós mesmos. E para que o lar seja nosso abrigo, onde podemos nos expressar e sentirmos protegidos, ele precisa ter nosso jeito e ser verdadeiramente, nosso lugar.



Figura 3: Lugar lar cheio de vivências. Fonte: [Fernanda Carvalho](#).

Destaca-se a fala do pesquisador Tuan (1983), se o lugar é pausa, segurança quando nele me identifico e crio laços afetivos, essa pausa identitária existe porque o lugar possibilitou a segurança que possivelmente não seria encontrada onde o espaço não é o seu.

Constata-se que, se para (TUAN, 1983, p. 83) “quando o espaço nos torna inteiramente familiar torna-se lugar”, se corrobora a ideia que as pessoas são livres para circular entre espaços e à medida que percebem determinados espaços a sua maneira,

aos seus valores e à sua identidade, esse espaço, a elas, se oferece como um lugar.

Uma composição espacial afetiva é mesclada por tudo que nos emociona, e um designer de interiores pode auxiliar a encontrar novas formas de ambientar os objetos ou originar sensações para adentro de cada lar. Assim esse profissional torna-se facilitador de construções que aproximam o ser humano com seus objetos memoráveis (figura 4).



Figura 4: Designer de Interiores facilitador. Fonte: [Freepik](#).

Pesquisas feitas apontaram que o sentimento de nostalgia pode ser despertado quando um indivíduo entra em contato com alguma lembrança, situação ou objeto do passado, uma vez que pode sentir saudade de um tempo que já viveu ou até mesmo de um ontem que apenas ouviu falar.

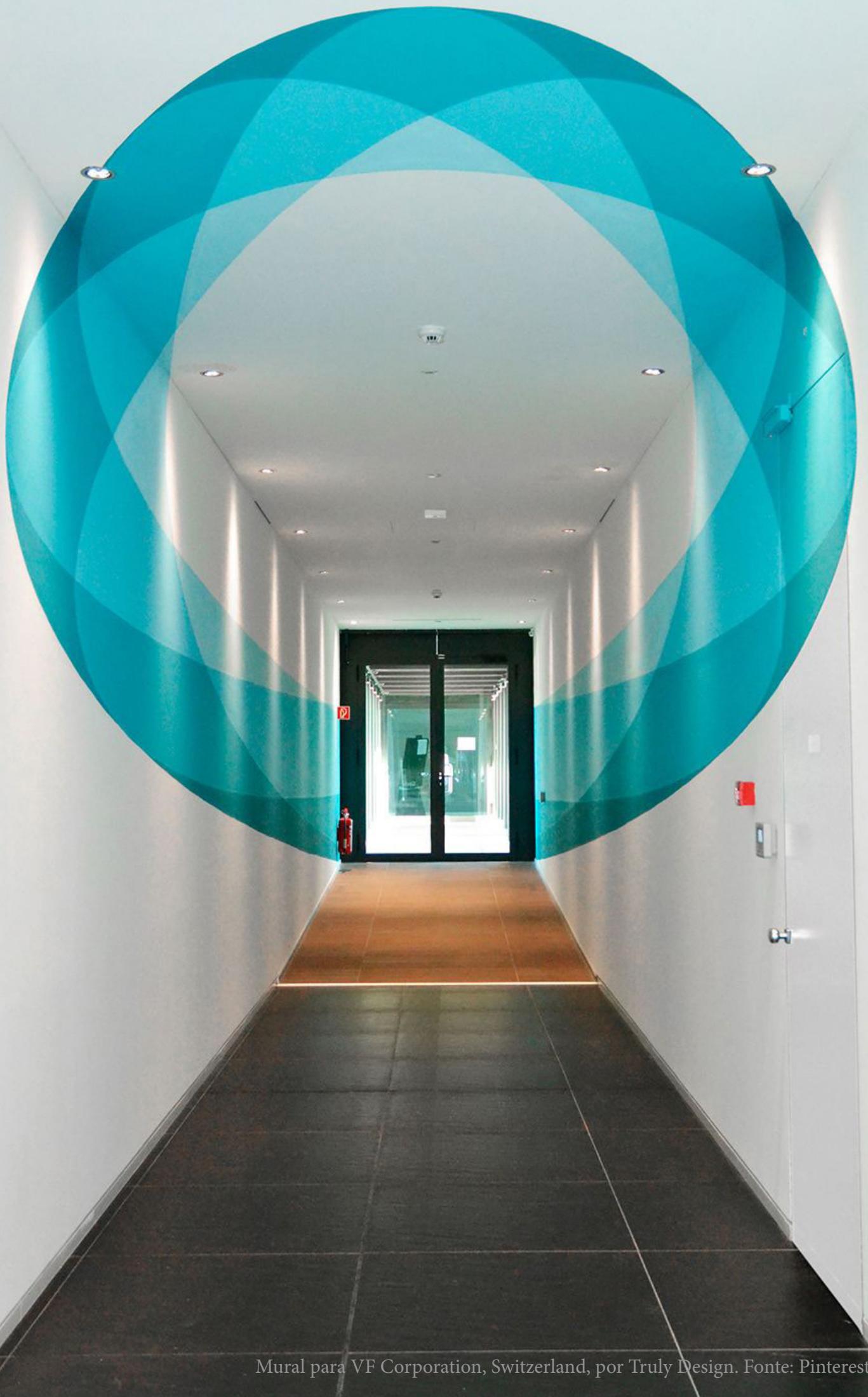
REFERÊNCIAS:

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

NORMAN, A. Donald. **Design emocional. Por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia-a-dia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Memória, história e cidade: lugares no tempo, momentos no espaço**. ArtCultura, Uberlândia, vol. 4, n. 4, p. 29, 2002.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.288p.



Mural para VF Corporation, Switzerland, por Truly Design. Fonte: Pinterest.



CARTA ABERTA AO EFÊMERO.

Capítulo I: borboletas

Devem estar se perguntando o motivo pelo qual estou escrevendo dessa forma nesta edição comemorativa. Nenhum, mas iremos conversar de forma diferente dessa vez. Trarei alguns exemplos mais vivos voltado ao Design Efêmero. Por falar em vivos, ouvi dizer o seguinte: “os projetos efêmeros são como borboletas, com pouco tempo de vida, mas com uma beleza incrível”. Concordam? Quero que tragam a memória os projetos efêmeros que já tiveram o prazer de desfrutar, nos quais se sentiram estonteantemente maravilhados.

Eu não poderia formular uma frase melhor para falar de tal coisa. Assim com as borboletas, como já sabemos, os projetos efêmeros são de curta duração, porém possuem não somente beleza, mas podem trazer aspectos de vida em vários contextos, claro, de forma particular de acordo com cada finalidade do projeto. E onde há vida, há uma história, um contexto, uma narrativa particular e individual que nos faz viajar juntamente com o projeto.

Percebiam que há uma evolução, de certa forma um ciclo, que não se aplica somente a vida. Mas ciclos também nos falam de tempo, e tempo é algo que literalmente carateriza um projeto efêmero. Vejamos, antes de exibirem suas belas assas, as borboletas permanecem durante um tempo no casulo, e antes disso enxergam o mundo de ângulos diferentes, de baixo, sendo ainda lagarta, para logo depois em um futuro próximo, ampliar a sua visão em lugares mais altos.

Como as borboletas os projetos efêmeros possuem o seu ciclo, e não estou

falando apenas do projeto em si, mas desde a sua elaboração até o momento em que é exposta.

A lagarta seria a visão e estudo de como o projeto poderá ser feito. É nesta fase que devemos estar atentos as inspirações e fazer ligações com aquilo que pensamos. O casulo seria a prototipagem, fase em que testamos os nossos pensamentos criativos de algumas formas, maquetes esquemáticas, sendo físicas ou eletrônicas, até chegar no aspecto final desejado. É onde também buscamos os materiais mais acessíveis e elegíveis para cada projeto em particular. Afinal, se trata de algo passageiro, não é?

Depois de pensar e testar é hora de finalmente abrir asas, expondo não somente as belas asas, mas também a sua história e seu contexto de vida.

Capítulo II: Janelas

Nesta edição nosso foco é o design efêmero no vitrinismo. Como bem já apontei, as inúmeras vitrines também são parte do efêmero, e vocês já devem saber o motivo. Mas, por que janelas? Porque são o primeiro contato visual do público com o produto. A vitrine nada mais é do que uma janela entre os habitantes e a cidade. Mas o que há por trás de uma vitrine?

Assim como em projetos de interiores, nos projetos efêmeros também procuramos montar um briefing, onde não somente terão informações sobre o contexto na qual o projeto será montado, mas também objetivos, narrativa, duração, DNA da marca...

É interessante destacar que o DNA de uma marca, nada mais é do que as características particulares de uma marca ou produto: público de interesse, suas cores, formatos, materiais, locais onde são conhecidos, comercializados, consumidos...

As vitrines têm o dever de chamar atenção em poucos segundos e precisam conectar de alguma forma o consumidor e o produto. Para que isso aconteça o produto deve ser exposto de forma atrativa em realce, como ponto focal principal de uma vitrine.

É através dessas janelas que devemos abrir os olhares e contar, se possível sem palavras, aquilo que pretendemos mostrar para o mundo através de um vidro.

Capítulo III: A arte de contar histórias

Diante do desafio de montar uma narrativa que atraia a sua atenção e crie uma conexão com você aí do outro lado, nós designers contamos com algumas

ferramentas. Irei apresentar algumas delas de forma sucinta.

Podemos usar: Cores, luz, atmosfera, pontos de vistas diferentes, perspectivas, composições, geometrias, e centro de atenção (produto).



Figura 1: Vitrine Lanvin. Fonte: [designscene](#).

Não para por aí não, essas são as ferramentas básicas, lembram? Diante dessa observação incluímos então a ferramenta mais importante para criar uma narrativa, o *storytelling*, que é nosso enredo, a comunicação da vitrine com o público. Dentro na nossa vitrine precisamos incluir elementos que tragam vida, de forma leve e singular, usando elementos que vinculem o produto ao mundo externo e a todos que o apreciem.

Podemos usar as seguintes técnicas para contar histórias diferentes.

Gestos e ações: são os movimentos que agregamos à vitrine. De forma mais simples para explicar, vocês podem imaginar os manequins postos em diferentes posições de acordo com cada contexto, uma conversa entre duas pessoas por exemplo. Mas o movimento não se restringe somente aos bonecos, mas também ao espaço, geometria, materiais...



Figura 2: Atmosfera da vitrine em movimento. Fonte: [Retail Focus](#).

Ironia e diversão: essa por sua vez, é bastante atrativa, pois se conecta aos indivíduos pela graça, fazendo com que os usuários recordem desse momento por meio da emoção.

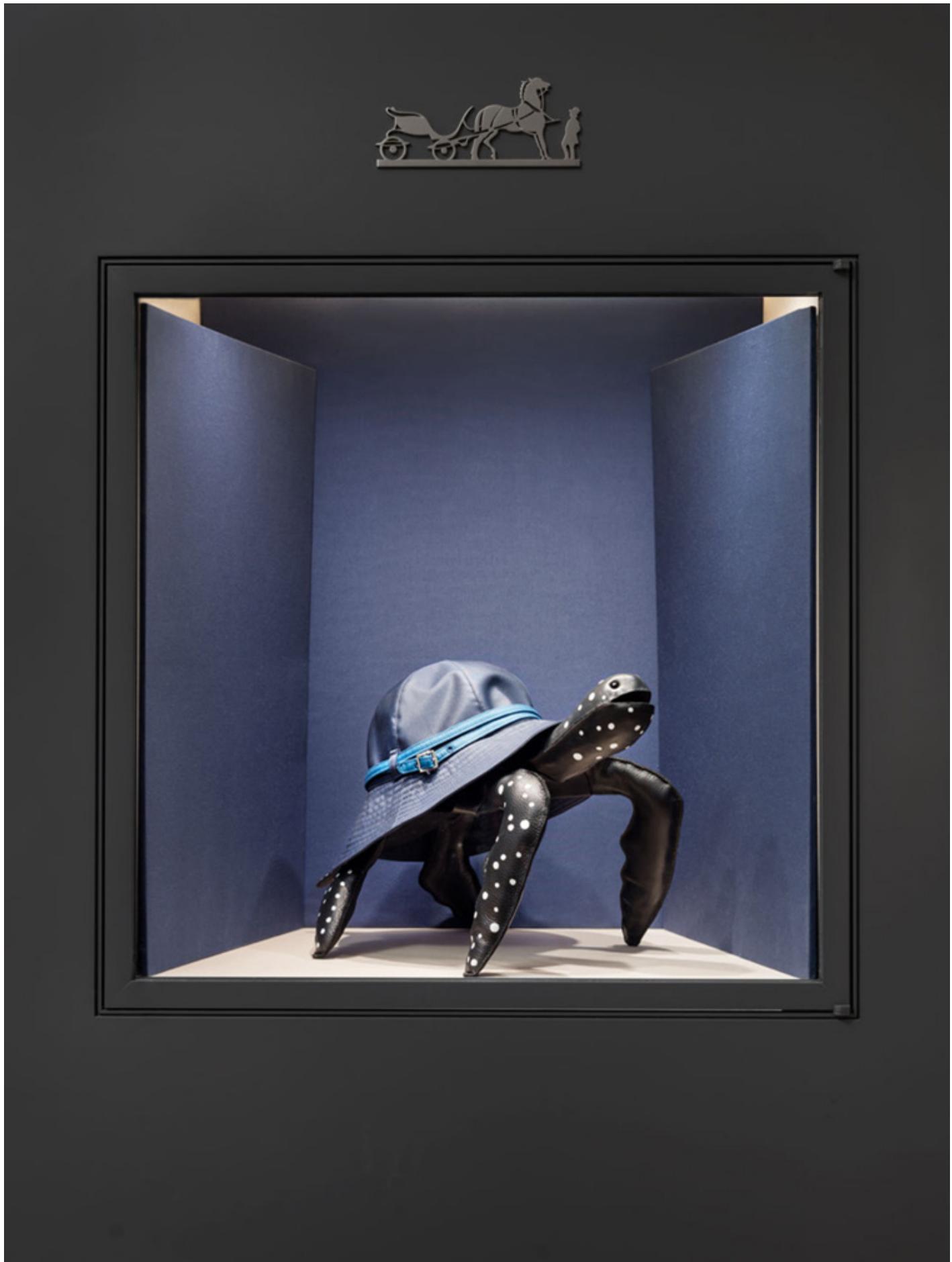


Figura 3: Vitrine divertida. Fonte: [joanntastudio](#).

Humanização: nada mais é do que agregar formas humanas ou animais ao produto, criando empatia e diversão.



Figura 4: Formas animais em vitrine. Fonte: [behance](#).

Mudança de escala: simplesmente agregar elementos em escalas bem maiores ou menores do que o seu tamanho real, gerando surrealismo e atraindo olhares.



Figura 5: Mudança de escala.
Fonte: [etsy](#).

Manequins: preciso falar algo? Podemos usá-los como uma cena, de um teatro como exemplo, fazendo-os contracenar entre si mesmos. O que acham?



Figura 6: Casal de manequins. Fonte: Pinterest.

Novas tecnologias: então... que tal montarmos uma vitrine com “vibe” praiana? Se eu quero um efeito de água na vitrine, eu posso simplesmente usar um fundo azul e alguns materiais reflexivos como metais cromados e por meio de uma iluminação superior causar o efeito de refração da água. E aí? Tecnologia



Figura 7: Vitrine submersa.
Fonte: Pinterest.

“Pronto para uso”: essa você não sabia, né? Se define pelo limite do interior e exterior da vitrine, causando um impacto grandioso. Pois ela junto ao centro de interesse ganha proporções bem maiores que as convencionais, não se limita



Figura 8: Vitrines gigantes. Fonte: [Passport Magazine](#).

Capítulo IV: entendeu, né?

Eu espero que diante de todas as ferramentas apontadas, você que está do lado da, possa estar com a cabeça fervilhando de criatividade pensando em como montar uma vitrine super afetiva e interessante para a sua marca favorita. Pois é! Isso também é Design.

O Design de Interiores se manifesta a todo momento, em toda parte, seja qual for a atmosfera, o ser humano respira design. Basta aprimorar os olhares e os sentidos buscando sempre se perguntar o por quê de tudo o que vemos. Sabendo que a resposta sempre será a mesma, design. O que muda é a ciência na qual cada design foi aplicado.

Só pra reforçar e finalizar, o Design Efêmero cria conexões e busca gerar experiências inesquecíveis aos usuários.



Interior design with shelves and potted plants. Fonte: Freepik.



OS SENTIDOS DO DESIGN.

As noções que percebemos o design, seja em nossas casas ou nos ambientes que percorremos, visitamos, permeamos, variam de pessoa para pessoa, de cultura para cultura, de tempo em tempos. Quando falamos em lares, a percepção mais forte e lembrada não é a percepção das cores, nem dos cheiros, nem tampouco do sol que corta a varanda perto das dez da manhã isoladamente, mas, sem sombra de dúvidas, a percepção primordial e total do “conforto” e bem-estar.

O “conforto” nos parece a forma mais atual e absoluta para definir nosso refúgio, nosso lar. É o briefing mais cobiçado do momento.

Hoje vemos a neuro arquitetura ganhar voz com estudo científico do impacto dos espaços físicos no ser humano, e mais especificamente, no nosso cérebro. E, afinal, como nosso radar sente e reage aos espaços onde estamos? Como captamos esses aspectos sensoriais, que aspectos são

esses, quais suas interações e seus efeitos?

Para decodificar esses aspectos sensoriais de luz, cores, cheiros, sons, texturas entraremos no universo dos sentidos do conforto: visão, audição, olfato e tato.

E começaremos com o sol, a luz matriz.



Imagen 1: Espaço com amplas e janelas e muita luz natural. fonte: Canva.

Foi comprovado que casas e apartamento com janelas e aberturas amplas melhoram a produção de melato-

nina de seus moradores e consequentemente suas noites de sono. Imóveis com boa iluminação natural valorizaram e tiveram maior procura na pandemia. E não é apenas pela conta de energia e nem pela informação massiva da neuro arquitetura. A luz natural traz amplitude, claridade, harmonia. E nem falamos nos efeitos e sensações que podemos recriar com iluminação artificial pelos quatro cantos da casa. Explorar a beleza da luz atravessando o linho de uma bela cortina só aguça o sentido delicado e traz poesia aos interiores. Sem se falar nas novas tecnologias capazes de reproduzir e induzir o melhor funcionamento do nosso ciclo circadiano (nossa relógio biológico regulado por estímulos externos como luz e temperatura).



Imagen 2: Construção em dry-wall. fonte: Canva.

Sons dos pássaros, o assvio do vento, o latido do cão do vizinho e o travão dos ônibus da avenida são os barulhos cotidianos urbanos que fazem parte da nossa rotina e contribuem para a poluição ambiental que afeta a saúde da população. Segundo pesquisa publicada em 1998 no British Journal of Psychology, “ruídos de fundo aumentam a produção de hormônios do estresse e prejudicam o sono e bem-estar das pessoas.” As paredes e lajes cada vez mais finas e pés direitos mais baixos que o mercado imobiliário usou para baixar seus custos, voltaram a ser revistos nas novas construções, bem como fachadas e esquadrias pensadas para garantir os parâmetros acústicos da ABNT e garantir o trabalho em home office, além do sono mais tranquilo e profundo. As paredes de drywall agora são recheadas com mais frequência a fim de evitar a transferência de ruídos entre vizinhos. E o silêncio interior ganha pontos com o mix de têxteis dos estofados, almofadas e tapeçaria e até com as plantas “biofílicas” criando ambientes bem mais agradáveis. O trânsito, as escolas, as casas noturnas e

seus barulhos tendem a ficar do lado de fora do lar.

E vem uma pergunta. Qual é o primeiro sentido que reagimos? Até dormindo... Arrisca? O cheirinho do pão de queijo ou o cheiro de madeira queimada.

O olfato é processado na parte mais primitiva do nosso cérebro. Também está impresso nas nossas memórias. A terra molhada, o couro do sofá, o bolo saindo do forno.

O conforto olfativo entra na lista de desejos, seja com os aromatizadores e difusores no top de venda, com os cítricos e lavandas adentrando a cozinha, os quartos e até a varanda. A higienização e odorização de equipamentos de ar condicionado também fazem parte do ranking. A preocupação com sistemas de exaustão das cozinhas integradas passa a ser uma questão crucial. Afinal, cheiro de peixe pela casa, nem pensar. Outros odores de matéria orgânica incomodam. Onde ficam as lixeiras?



Imagem 3: Cozinha é fonte de odores ruins provenientes de ralos e material orgânico.
Fonte: Canva.

O retorno pelo sistema sanitário, de pias e ralos podem afastar o comprador de um imóvel ou até mesmo fazer um morador se desfazer de um.

O corpo reage à grande inalação de inimigos ocultos como tintas, colas e produtos de limpeza trazendo desconforto e até doenças graves.

E mais uma vez, elas, as plantas, favorecem a neutralização desses compostos e gases prejudiciais a nossa saúde, que com sua beleza transformam e dão graça aos ambientes e nos reconectam a nossa essencial natureza.

Para dar continuidade aos sentidos do design, podemos falar em quente e frio, liso, aveludado, áspero, poroso, ranhurado ou canelado. As texturas criam camadas sinestésicas ao design. É a nossa pele, o maior órgão humano, que

nos faz sentir as superfícies e o aconchego e nos permite nos encantar de verdade. Principalmente os elementos naturais como algodão, madeira, couro, linho, fogo, água vão revestir o nosso abrigo e nos abraçar com familiaridade.

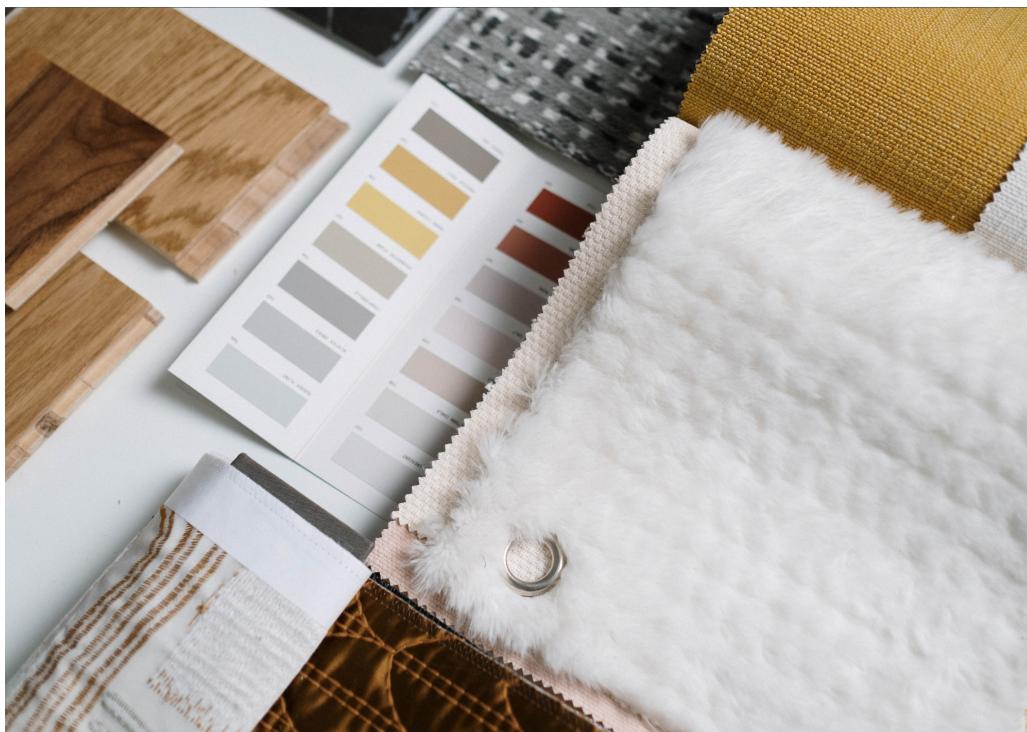


Imagen 4: Moodboard com diversos materiais. Fonte: Canva.

Reconhecer esses aspectos mágicos dão ao designer e ao home stager (profissional especialista que prepara imóveis para serem vendidos ou alugados) o poder de contribuir com qualidade de vida a uma casa e seus habitantes e transformar um imóvel sem vida capaz de despertar o desejo de alguém morar ali.



Imagen 5: Antes e depois da produção home staging. Fonte: [@decorarparavender](#).

Pensar e estudar como criar conforto essencial e sutil resulta na solução de produtos imobiliários mais vendáveis porque estamos lidando com algo intangível e instintivo, a emoção do conforto, a emoção dos nossos sentidos. E é exatamente onde a venda acontece: no nosso cérebro emocional.

O home staging como parte do marketing imobiliário faz pensarmos em algo superficial e objetivo demais, em contraponto, ele desperta uma nova visão para o mercado imobiliário brasileiro, possibilitando o bem-estar a mais pessoas e lembrando que conforto não é luxo. Conforto é criar um lar essencial.



Imagen 6: Imóvel produzido com home staging para venda. Fonte: [@decorarparavender](https://www.instagram.com/@decorarparavender).



Bruce B. Emmy B. Design Agency Offices Revisited. Fonte: Pinterest.



BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO MÉTODO PROJETUAL PARA O DESIGN DE INTERIORES.

A presente coluna abordará sobre o método projetual no campo do design de interiores com contextualização, conceituações e exemplificação do método projetual em design de interiores.

Esse texto é a continuação sobre a metodologia no design de interiores, tema que vem sendo tratado nessa coluna. Nas primeiras edições elucidou-se sobre o método projetual existente e necessário para a criação e realização do projeto no Design de Interiores. Na terceira edição aprofundou-se sobre o atendimento ao cliente por meio da compreensão com relação ao briefing e toda a pesquisa essencial para o projeto. Na quinta edição dedicou-se sobre o processo criativo e o entendimento da conceituação. Na sétima edição esclareceu-se sobre a complexidade do raciocínio para projeto e a

utilização das ferramentas projetuais como instrumentos de assessoria ao pensamento e criação do projeto.

Nesse texto aprofundaremos as particularidades que constitui a unicidade do pensamento do design composto pelos seus métodos (DA LUZ, 2018).

Importante contextualizar que o campo do design de interiores é originário da decoração, uma atividade presente no território brasileiro desde o início do século XX (DANTAS; NEGRETE, 2015). A decoração aproximou-se do design por intermédios das instituições de ensino superior, grandes responsáveis pelas mudanças na terminologia de Decoração para Design. O termo Design de Interiores surge no final da década de 80, do século XX.

Nessa perspectiva, os docentes

de decoração a partir da leitura e aproximação sobre os conhecimentos e princípios do design passaram a identificar a necessidade de criação de projetos para ambientes que correspondesse as demandas do mercado em relação ao bem-estar e qualidade de vida para os seres humanos, o que necessitava da formação de um profissional especializado em realizar projetos para os espaços cotidianos (MOREIRA, 2019), não apenas a criação de ambientes esteticamente bonitos.

O design de interiores utilizou de todo os conceitos e princípios do campo do design e isso ocorreu também com os conteúdos sobre a metodologia e métodos projetuais do design, dessa forma o Design de Interiores utilizou-se de métodos projetuais reconhecidos no campo do design, idealizados pelos autores Bernrd Lobäch; Gui Bonsipe; Bruno Munari; entre outros para fundamentar e auxiliar a criação do próprio método projetual no design de interiores.

Antes mesmo de apresentar um exemplo de estrutura do processo projetual em design de interiores, trataremos sobre alguns conceitos sobre método.

O método é um conjunto de técnicas características e particulares para estipuladas ações, de forma a apresentar um caminho para se atingir estabelecida finalidade (HEINRICH, 2013). “É uma série de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para atingir determinado conhecimento” (ZANELLA, 2011 p.19). O entendimento de técnica pode ser compreendido como a aplicação prática do método em atividades específicas. (HEINRICH, 2013). O método caracteriza o esqueleto das ações futuras para o desenvolvimento de um trabalho, estudo e projeto. Elaborando processo lógico de forma sistematizada para direcionar o fazer, quando fazer, como fazer e suas delimitações (HEINRICH, 2013). Dessa forma, o método é utilizado em todo campo que desenvolve pesquisa e projeto para que se tenha etapas lógicas bem definidas.

Dessa maneira, o método são os caminhos traçados para alcançar determinado fim, com o objetivo da produção de conhecimento e seu processo é validado pelos procedimentos racionais e ordenados.

No design, os metodólogos procuraram identificar a estrutura do processo projetual, esclarecendo a lógica interna da sequência de passos que um designer deve seguir, desde a identificação do problema projetual, como a formulação de uma demanda do projeto, em sequência a elaboração de uma solução para a questão apresentada em forma de projeto (BONSIEPE, 2012).

No campo do design, a Hochschule für Gestaltung, mais conhecida como Escola de Ulm, fundada em 1953, foi a primeira instituição de ensino a sistematizar as informações sobre o método de projeto no campo do design e tornou o processo projetual passível de ser ensinado (HEINRICH, 2013). Dessa forma, as escolas de design ensinavam os alunos a projetar a partir de um ou mais

métodos projetuais.

A criação do método projetual em Design de Interiores surgiu de forma tardia e ainda incipiente no campo. Não há um diálogo nacional sobre um método ou os métodos existentes no campo do design de interiores, a estruturação do processo projetual se deu apenas no início do século XXI (ABREU, 2015) e ainda necessita de muita pesquisa e diálogo entre os estudiosos e profissionais da área. Do mesmo modo que a utilização do método projetual é relativamente nova, o que normalmente ocorre no campo são profissionais, instituições e escritórios que criam suas próprias etapas e processos projetuais para conseguir desenvolver seus projetos.

Para esse artigo utilizaremos como referência a estrutura do processo projetual, como apresenta a Figura 1, formulada no curso de Design de Ambientes, na Escola de Design, da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG. Esse processo projetual foi implementado no curso no ano de 2008.

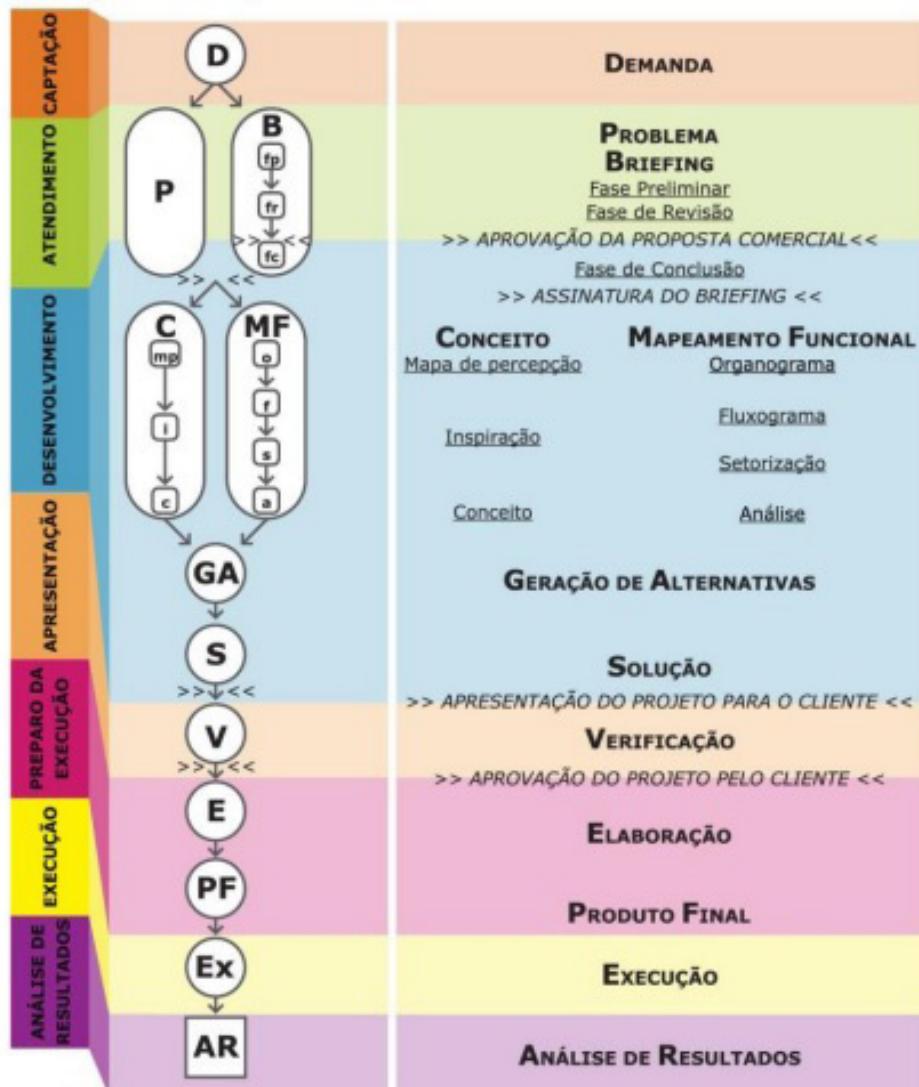


Figura 1: Síntese visual da estrutura do processo projetual em design para ambientes.

Fonte: UEMG, 2012 apud ABREU, 2015 p. 70.

Nessa estruturação o processo projetual é dividido em sete fases que se inicia pela **Captação** do cliente com a identificação da demanda, seguida da eta-

pa do **Atendimento** compreendida pela identificação do problema projetual e do desenvolvimento do briefing com o levantamento de toda pesquisa aplicada para conseguir realizar o projeto. A terceira fase consiste no **Desenvolvimento**, com as sub fases de criação do conceito, mapeamento funcional, geração de alternativas e a solução projetual. A quarta etapa envolve a **Apresentação** com a verificação do projeto pelo cliente; a quinta fase é o **Preparo da execução** com a subdivisão da elaboração e produto final que consiste na entrega do projeto. A sexta etapa é a **Execução** que constitui a materialização do projeto e pôr fim, a última fase é a **Análise do resultado** onde se verifica e pondera sobre todas as etapas e os processos estabelecidos nelas durante o desenvolvimento do projeto.

A intenção dessa estrutura é permitir ensinar o processo projetual no design de interiores de forma lógica, como também, proporcionar um entendimento de todas as etapas necessárias e fundamentais para a criação de um projeto e sensibilizar o aluno e futuro profissional a aprender e a interpretar o usuário, conceituar o projeto, entender os resultados esperados em cada fase projetual e dessa forma conseguir projetar com mais confiança e autonomia (ABREU, 2015).

O processo apresentado estabelece procedimentos racionais e ordenados que auxiliam o design de interiores na sua criação projetual. O processo expõe uma ação continua para um objetivo. O método apresentado não são ações que servem para delimitar o designer, mas para orientá-lo e esse método pode e deve ser adaptado a cada realidade ou cada projeto, trabalho e ação de forma que incentive a criatividade, a pesquisa, a fundamentação e até mesmo a apresentação da profissão e suas etapas para o cliente. O pensamento projetual não é uma sequência de atividades simples são processos complexos que compreendem métodos nos quais englobam várias técnicas, ferramentas e conhecimentos, sempre com a finalidade de tornar o campo mais racional e lógico.

É imprescindível o designer de interiores conhecer e entender muito bem as etapas integrantes desse método, pois elas auxiliam na explicação da atividade profissional do designer de interiores para seus clientes e sociedade com um todo.

REFERÊNCIAS:

ABREU, Simone. **ASPECTOS SUBJETIVOS RELACIONADOS AO DESIGN DE AMBIENTES: UM DESAFIO NO PROCESSO PROJETUAL**. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Design - UEMG, Belo Horizonte, 2015.

BONSIEPE, Gui. **Design: como prática de projeto**. São Paulo: Blucher, 2012.

DA LUZ, Alan Richard. **O PROCESSO DE DESIGN E MUDANÇA NA NATURALEZA DOS GAMES NOS ANOS 1970 -1980**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Área de Concentração: Design - São Paulo, 2018.

DANTAS, Cristina. NEGRETE, Roberto. **Brasil porta adentro: uma visão histórica do design de interiores**. São Paulo: C4, 2015.

HEINRICH, Fabiana. **Design: crítica à noção de metodologia de projeto**. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Design – PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2013.

MOREIRA, Samantha. **Formação, atuação e identidade profissional no campo do Design de Ambientes**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa** / Liane Carly Hermes Zanella. – 2. ed. rev. atual. – Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2011.



Fonte: Pinterest.



ANTROPOMETRIA: DEFINIÇÕES E APLICAÇÕES GERAIS NO DESIGN DE INTERIORES. PARTE I

... todos os que pretendem dominar a construção devem adquirir a noção de escala e proporções do que tenham que projetar: móveis, salas, edifícios, etc.; e só obtemos uma idéia mais correta da escala de qualquer coisa quando vemos junto dela um homem, ou uma imagem que represente as suas dimensões (NEUFERT, 1974).

Nesta Edição da Revista Design de Interiores Brasil trataremos de um assunto bastante importante para a Ergonomia, o qual é aplicável no Design de Interiores: a Antropometria. Esta ciência possui como objetivo fundamental o estudo das proporções do corpo humano, particularmente, seu tamanho, forma e meios de interação com o espaço e seus elementos constituintes, aplicável à ergonomia. Estudos antropométricos são realizados considerando sua relação com o que as pessoas fazem; a forma como é feito; as ferramentas, os equipamentos, os utensílios e artefatos, de modo geral, que utilizam; os lugares, com os quais, interagem, e as questões psicossociais envolvidas, por exemplo (AÑEZ, 2001; KASPER e PEREIRA, 2012). As diretrizes para os projetos de ambientes e de peças de mobiliário, muitas vezes, de base multidisciplinar, contribuem para aprimorar a qualidade da configuração final desses produtos, pois consideram um olhar multifacetado sobre os problemas existentes, situações complexas e variadas (KASPER e PEREIRA, 2012). O termo Antropometria deriva-se das palavras gregas antro (homem) e metro (medida), referindo-se a um campo do conhecimento que preocupa-se em estabelecer conexões entre o

espaço e as pessoas, buscando nessa relação, alguns parâmetros para dimensionar os diversos elementos que a abrangem (BOUERI FILHO, 2008; KASPER e PEREIRA, 2012).

A ergonomia possui como uma de suas características a interdisciplinaridade, abrangendo áreas do conhecimento que proporcionam embasamento teórico-prático como a Antropometria. Fundamentalmente, consiste na ciência que trata das relações entre medidas físicas do corpo humano (AÑEZ, 2001; COUTO, 1996), assim como, da obtenção e uso adequado de tais medidas. A aplicação de dados antropométricos na área da ergonomia contribui para a configuração e o dimensionamento apropriado de ambientes, compreendendo o desenvolvimento de produtos específicos, tais como as peças de mobiliário, as ferramentas e o próprio espaço. No primeiro caso, o conhecimento das medidas antropométricas dos segmentos corporais dos indivíduos permite obter o desenho com a compatibilidade desejada ao usuário almejado, bem como, ao ambiente no qual o móvel será instalado.

Observa-se que, a variação das medidas antropométricas depende de fatores individuais, tais como, **a idade, gênero, etnia, condições sociais e nutricionais** (alimentação), além de **outras características físicas diversas** (SELL, 2004), o que torna a Antropometria uma área do conhecimento complexa. São tratadas as dimensões corporais dos indivíduos, levando em conta as habilidades e características que influenciam na performance destes, utilizando-se dos elementos utilizados na composição dos ambientes que apoiam a realização de atividades diversas (BOUERI FILHO, 2008).

Os profissionais envolvidos com o projeto de interiores podem utilizar esse conhecimento para fundamentar as soluções mais apropriadas para cada contexto abordado, considerando o acesso, o uso e a função que estes devem desempenhar, concordando com as especificidades dos seus usuários. Em função das diferentes propostas de ambientes, por vezes, sistemas mais complexos, como é o caso daqueles destinados ao trabalho, o conhecimento das dimensões físicas do homem para projetá-los, com a qualidade final desejada, constitui-se em uma prioridade. A Antropometria objetiva o levantamento aplicação de informações sobre as dimensões dos segmentos corporais e, sempre que for possível e justificável, devem ser realizadas as medidas antropométricas da população alvo do projeto. Tendo em vista a alta aplicabilidade da Antropometria na ergonomia e, consequentemente, no projeto de produtos diversos, é relevante considerar uma avaliação do contexto abordado, considerando usuário e atividade realizada, ou seja, o “usuário em ação”, determinando quais medidas devem nortear o projeto em questão.

Para ampliar o entendimento sobre a aplicação dos dados antropométricos

é importante observar a classificação da Antropometria Estática e Dinâmica , segundo Boueri Filho (p. 29, 2008):

- **Antropometria estática:** informa sobre as dimensões físicas do corpo parado. Embora essas medidas sejam bastante utilizadas em projetos, elas nem sempre são adequadas para situações que envolvam movimentos. Neste caso, é melhor utilizar dados da antropometria dinâmica.
- **Antropometria dinâmica:** inclui alcances, ângulos e forças de movimentos na tomada de medidas dinâmicas, sendo importante especificar qual é a função a ser executada pelo homem, pois essa função pode envolver interações entre movimentos musculares, de modo que o resultado final será diferente daquele que seria obtido se fossem considerados esses movimentos isoladamente. Por exemplo, o alcance com as mãos na posição sentada não depende apenas do comprimento do braço, mas é afetado também pelo movimento do ombro, rotação e curvatura do ombro, rotação e curvatura das costas e o tipo de manejo a ser executado pela mão.

As medidas estáticas e dinâmicas são largamente aplicáveis na arquitetura, design, engenharia e design de interiores, permitindo embasar projetos de elementos que compõem o espaço físico (mobiliário, equipamentos, ferramentas, demais objetos). Para isso, é importante conhecer alguns segmentos corporais empregados para essa finalidade, detalhando as articulações, conforme pode ser verificado na Figura 01:

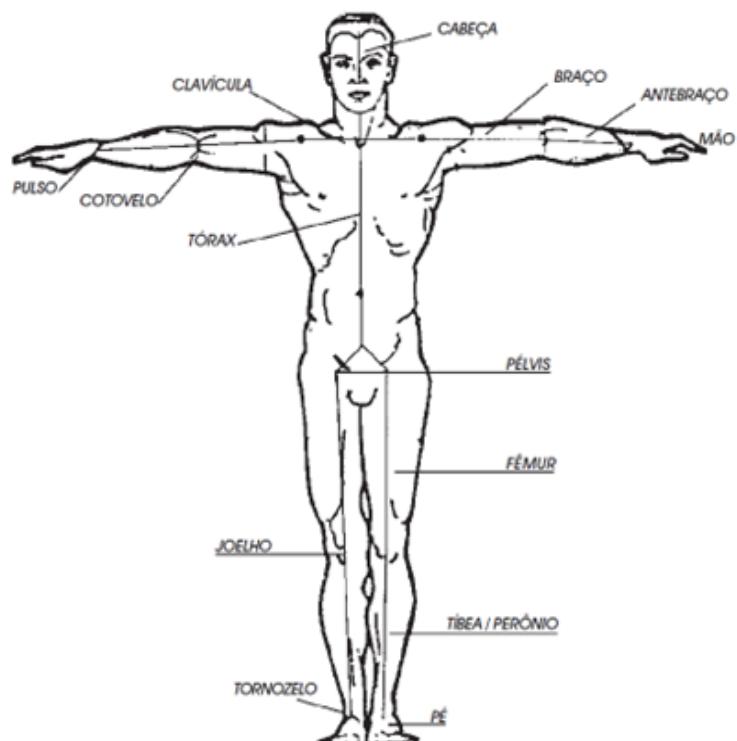


Figura 1: Segmentos corporais e articulações. Fonte: Boueri Filho (p. 38, 2008).

A Figura 01 descreve os diferentes segmentos corporais (cabeça, braço, mão, fêmur, etc) e as articulações (nos cotovelos, pulsos, joelhos etc) com dimensões que devem ser observadas para aplicação prática em projetos (BOUERI FILHO, 2008). No entanto, para a utilização de qualquer base estatística envolvendo a variabilidade humana é necessário, ainda, considerar que grande parte das dimensões lineares do corpo humano é, comumente, distribuída, (conforme verificado na Figura 02), sendo que, a frequência dessa distribuição manifesta uma curva simétrica em forma de sino conhecida como **Curva de Gauss** (SANTOS e FUJÃO, 2003). A distribuição das dimensões antropométricas humanas na curva de Gauss é verificada com base em dois parâmetros: a **média μ** e o **desvio-padrão σ** , condição verificada na Figura 02:

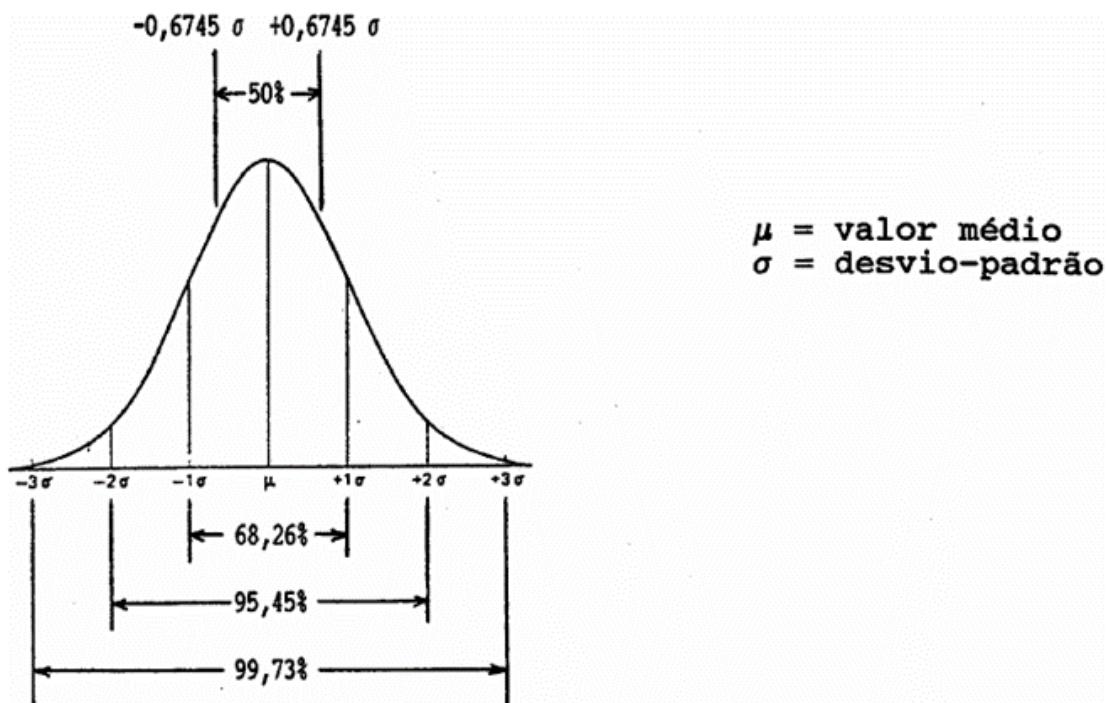


Figura 2: Curva de distribuição padrão, Curva de Gauss ou Curva de Sino. Fonte: Boueri Filho (p. 38, 2008).

A figura 02 demonstra as percentagens nas medições posicionadas entre os intervalos definidos pelos múltiplos inteiros do desvio-padrão. Verifica-se que, **cerca de 95% das medições** (precisamente 95,45%) estão incluídas no intervalo $[-2\sigma, 2\sigma]$, tomando como ponto central, μ . Como a curva é simétrica, **50% das medições são inferiores à média e 50% são superiores**. Usualmente, os limites antropométricos são expressos e utilizados na forma de **percentis**, o qual refere-se: **à percentagem de pessoas de uma dada população que têm uma dimensão do corpo igual a, ou menor que um determinado valor**. Pode-se concluir que a média é igual ao 50º percentil, e que grande parte das medidas (dimensões) individuais está incluída na curva demonstrada na Figura 02 e, somente, alguns sujeitos (muito baixos ou altos, por exemplo) estão à margem (tais como, os percentis 5 e 95) (ver Figura 02). No entanto, a maioria

situa-se próxima ao centro da curva (μ) (SANTOS E FUJÃO, 2003; BITTENCOURT, 2011).

Por razões práticas, é necessário colocar limites na extensão de população para a qual o posto de trabalho vai ser concebido. Acomodar utilizadores dos extremos superiores e inferiores da curva significaria que os graus de variabilidade no posto de trabalho teriam de ser muitos grandes, e iriam beneficiar poucos indivíduos. As limitações na concepção devem ser bastante limitadas. Por esta razão é prática comum especificar designs onde caibam 90% dos utilizadores, sendo o valor mais baixo definido como o percentil 5 de uma dimensão, e o valor mais alto como o percentil 95. Os percentis ajudam o projetista (sic) de diversas maneiras. Primeiro, ajudam a estabelecer a porção de população utilizadora que será incluída ou excluída de uma solução específica da concepção. Por exemplo, um certo produto pode necessitar de ser adequado para todas as pessoas que sejam mais altas do que o percentil 5 e mais baixas do que o percentil 60 no tamanho da mão ou no alcance do braço. Assim, apenas 5% das pessoas que têm valores mais baixos que o percentil 5 e 40% das pessoas que têm valores mais altos do que o percentil 60, não estarão adequadas, enquanto 55% (60%-5%) de todos os utilizadores estarão adaptados (SANTOS E FUJÃO, p. 09, 2003).

A eleição de certas medidas principais norteadoras de projetos pode ser determinada em função da variabilidade de dimensões humanas (ou diversidade antropométrica) e podem ser adotadas pelo projetista, cabendo a este, **identificar aquelas que atenderão com maior efetividade ao usuário final e ao contexto abordado**. Esta é uma prática comum para os ergonomistas, em função das pessoas possuírem considerável variabilidade das dimensões corporais. Tal fato é confirmado por Santos e Fujão (p. 10, 2003), os quais, ressaltam o fato da “**probabilidade de encontrar um indivíduo com o mesmo percentil em todos os segmentos ser mínima**”, e o fato do “**chamado homem médio não existir**”, ou mesmo, de um homem ou de uma mulher padrão.

Os mesmos autores descrevem que, as considerações acerca das medidas antropométricas humanas para aplicação em projetos diversos, como os de interiores, devem considerar, principalmente, quatro condições principais: **o espaço livre, o alcance, a força e a postura** (SANTOS e FUJÃO, 2003), os quais são relacionados pelos autores em relação aos **constrangimentos**, os

quais possam causar:

- **Espaço livre** – É o espaço mínimo para propiciar acesso de pessoas em passagens sujeitas a limitações espaciais, sendo importante considerar dimensões corporais, tais como: da cabeça, do cotovelo, das pernas etc, para propiciar condições de acesso a ambientes e espaço de circulação adequado. Nesse caso, se for escolhido o **percentil 95** da população utilizadora permite-se que, os demais usuários (com dimensões corporais menores) sejam, necessariamente, acomodados ou considerados no projeto, diminuindo-se os constrangimentos. Os usuários com dimensões corporais maiores estarão, necessariamente, acomodados.
- **Alcance** – proveniente do deslocamento dos segmentos corporais no espaço na realização de certas atividades, que influi na possibilidade de agarrar e operar controles, objetos ou ferramentas. Nesse caso, os constrangimentos relacionados ao alcance determinam a dimensão máxima aceitável para realizar as situações descritas anteriormente, e nesse caso, é determinado pelo usuário com menor segmento corporal compreendido pelo **percentil 5**. Os usuários com segmentos corporais maiores estarão, por sua vez, acomodados.
- **Força** – Relaciona-se à aplicação de força no manuseio de ferramentas, objetos ou controles, por exemplo. Nesse caso, as limitações de força impõem um constrangimento que é suficiente para determinar o nível de força aceitável, nesse caso, o usuário considerado “mais fraco” poderá ser considerado, como parâmetro de projeto, **estando os usuários mais fortes, devidamente, acomodados..**
- **Postura** – Para o conhecimento dos constrangimentos posturais há necessidade de uma avaliação mais complexa (existindo várias técnicas utilizadas para tal¹), sendo, usualmente, mais intricados tendo em vista que, há a consideração de características antropométricas de usuários que abrangem percentis extremos. “Por exemplo, se uma superfície de trabalho que é muito alta para uma pessoa baixa é tão indesejável como uma superfície de trabalho baixa para uma pessoa alta. A postura de uma pessoa é determinada (ao menos em parte) pela relação entre as dimensões do seu corpo e as dimensões do envolvimento” (SANTOS e FUJÃO, p. 10, 2003). Para minimizar os constrangimentos corporais, o projetista pode planejar determinados elementos constituintes dos ambientes com alturas diferenciadas (bebedouros com alturas distintas, por exemplo) ou mobiliário que permita ajustes apropriados, admitindo a utilização de mais

¹ Algumas informações sobre esse tópico podem ser observadas em KASPER e PEREIRA (2012), no artigo, Análise Ergonômica do Trabalho Apoiada na Aplicação do Método OWAS.

de um usuário, fato que depende de cada situação e objetivos do projeto. Cita-se, também, o exemplo do sistema de iluminação, com lâmpadas passíveis de serem dimerizadas, conforme as necessidades e preferências do usuário.

Pequini (2005, p. 821) esclarece que é um erro considerar as ampliações ou reduções oferecidas por manequins antropométricos disponibilizados pela literatura, o quais podem apresentar “estaturas máximas, médias e mínimas ou, muitas vezes, apenas a média brasileira, o que é, ainda pior, a partir daí dimensionando vários elementos do projeto como alturas de bancadas, alcances dos controles, campo visual etc”. A partir disso, Pequini (2005) esclarece que, se o projetista desejar utilizar manequins antropométricos em seus projetos, é recomendável construí-los considerando os percentis máximos (95° ou $97,5^{\circ}$) e mínimos (5° ou $2,5^{\circ}$), como é o caso dos exemplos demonstrados pela autora, verificados nas Figuras 03, 04 e 05.

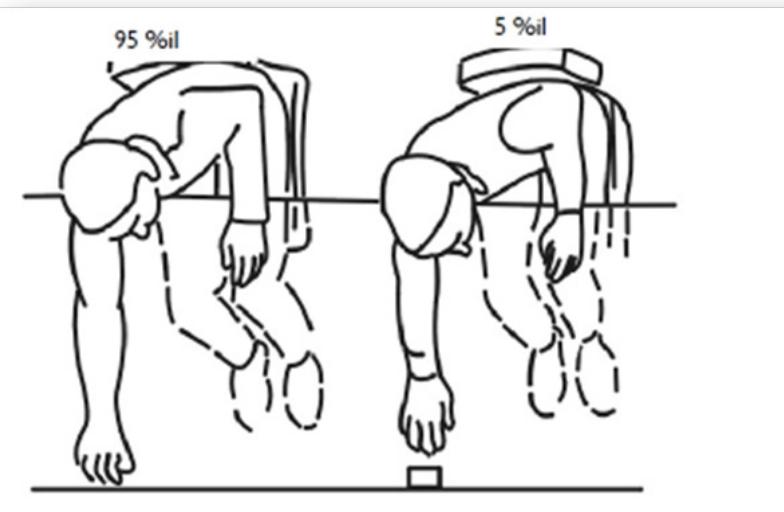


Figura 3: Alcances - Vista Superior.
Fonte: Pequini (2005, p. 829).

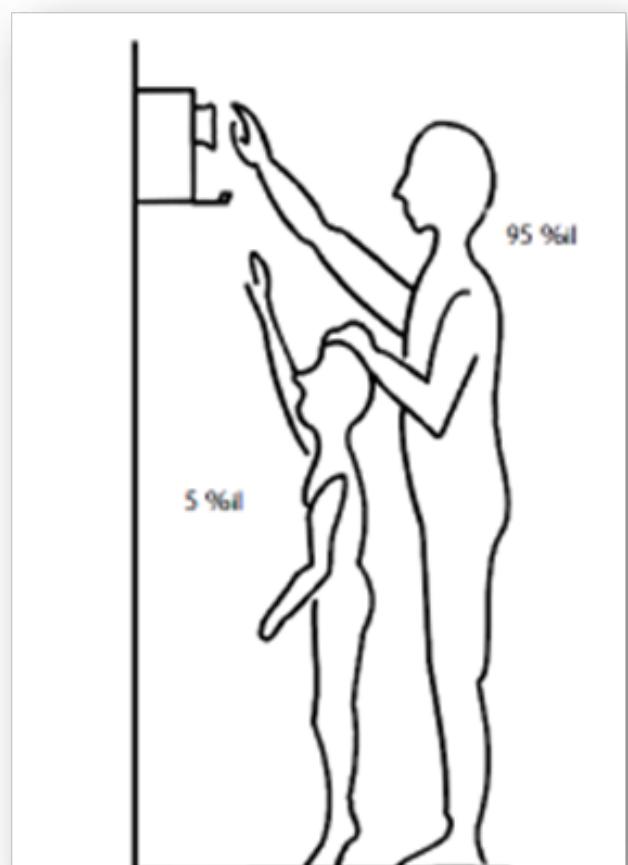


Figura 4: Alcances – Vista Perfil.
Fonte: Pequini (2005, p. 829).

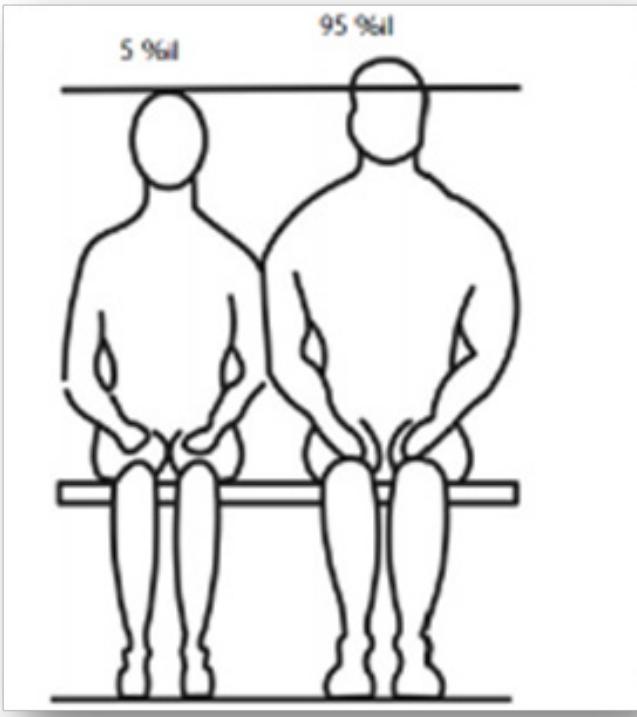


Figura 5: Altura usuário sentado – Vista Frontal.

Fonte: Pequini (2005, p. 829).

Apesar das orientações anteriormente descritas, o projetista deve estar atento, “com a consciência de que os seres humanos dos 5º e 95 ° percentis correspondem a uma abstração teórica, sendo, portanto, a média de pouca utilidade”, conforme Pequini (2005, p. 822). A partir disso, o profissional poderá eleger, com maior embasamento, os critérios que irão nortear o seu projeto, atendendo ao maior número de usuários que poderão utilizar o produto final planejado. Deve-se estar atento à possibilidade de um sujeito alto sentir-se desconfortável ao utilizar uma cadeira com design voltado para acomodar as pernas curtas (altura poplítea) de uma mulher compreendida no percentil 5º, embora, deva considerar a situação contrária (se a cadeira favorecesse as medidas das pernas longas do usuário com percentil 95°). Neste último caso, a situação tornar-se-ia bastante inconveniente para o usuário com altura poplítea maior.

Em situações similares à citada é apropriado estabelecer critérios satisfatórios para alcançar o conforto do maior número de pessoas possível, com a ciência de que, por vezes, haverá circunstâncias, nas quais, certas condições deverão ser consideradas prioritárias em relação às outras. É necessário considerar, outras questões relacionadas às especificidades do processo de fabricação do produto projetado, inclusive, considerando se estes serão produzido em uma escala industrial, a exemplo do mobiliário escolar, ou serão provenientes de projetos individualizados (com um ou poucos usuários envolvidos). Também, pode-se concluir que, se houver atendimento das condições de performance de com necessidades antropométricas “mais exigentes”, presume-se que, para os

demais usuários haja maior probabilidade de se evitar ou minimizar possíveis constrangimentos na interação com ambientes, mobiliário, elementos de composição espacial/ construtiva e demais artefatos.

REFERÊNCIAS

- AÑEZ, Ciro Romélio Rodriguez. **A Antropometria e Sua Aplicação na Ergonomia**. 2001. Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano. Volume 3 – Número 1 – p. 102-108.
- BITENCOURT, Fábio. org. **Ergonomia e Conforto Humano: Uma Visão da Arquitetura, Engenharia e Design de Interiores**. Rio de Janeiro: Rio Books. 1^a Edição. 2011. 196
- BOUERI, Jorge. **Antropometria Aplicada à Arquitetura, Urbanismo e Desenho Industrial**. Manual de Estudo. Volume I. São Paulo: Estação das Letras. 2008. 152 p.
- Cadernos Universidade do Vale do Itajaí. Pró-Reitoria de Ensino. **A Universidade: Perspectivas e Práticas de Ensino**. Itajaí (SC). Julho/2007. Ano 5, nº 7.
- COUTO, Hudson de Araujo. **Ergonomia Aplicada ao Trabalho: O Manual Técnico da Máquina Humana**. Belo Horizonte: Ergo, 1996. v. 2
- KASPER, Andrea de Aguiar. PEREIRA, Vera Lúcia Duarte do Valle. **Análise Ergonômica do Trabalho Apoiada na Aplicação do Método OWAS**. Revista Gestão Industrial. Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. Campus Ponta Grossa - Paraná – Brasil. ISSN 1808-0448 / v. 08, n. 04: p. 51-68, 2012. Disponível em:< <http://revistas.utfpr.edu.br/pg/index.php/revistagi/issue/view/96>>. Acesso em: 10 de abril de 2013.
- NEUFFERT, Ernest. **Arte de Projetar em Arquitetura**. 4. ed. São Paulo: Gustavo Gili do Brasil S.A., 1974.
- PEQUINI, Suzi. **Ergonomia Aplicada ao Design de Produtos: Um Estudo de Caso sobre o Design de Bicicletas**. São Paulo, USP, 2005. 675. Tese (doutorado) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.
- SANTOS, Raquel; FUJÃO, Carlos. **Antropometria. Universidade de Évora – Curso Pós Graduação: Técnico Superior de HST**. Disponível em: <http://www.histeo.dec.ufms.br/materiais/projetodeinteriores/04%20-%20Antropometria%20-%20Raquel%20Santos%20e%20Carlos%20Fujao.pdf>. Acesso em: 14 de março de 2011.
- SELL, Ingebord. **Projeto do Trabalho Humano: Melhorando as Condições de Trabalho**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.



HDR, Gensler, Clive Wilkinson Architects and EGG Offices. Fonte: Frame.

Thiego Brandão
[@thiegobrandao](https://twitter.com/thiegobrandao)



DESIGN DE INTERIORES PARA WELLNESS SPACES.

Hoje a população já é ciente do que faz mal à sua saúde, temos bem mais consciência do que tiveram os nossos pais. E, claro, hoje existem bem mais produtos e serviços que promovem à saúde do que já houve antes. Mas estudos da UERJ (2020), apontam que houve um aumento dos casos de depressão (sabemos que parte desses números são recorrentes da pandemia do SARS-CoV-2), os fatores são diversos: ritmo de vida, cobranças no trabalho, frustrações causadas pelas redes sociais, situação do país, enfim, há uma demanda latente por soluções que promovam o bem-estar.

Há algum tempo que designers de interiores buscam promover a humanização em espaços que mudem a concepção estrutural, principalmente em estabelecimentos de assistência à saúde (definida pela portaria Nº 2.022,

de 7 de agosto de 2017, como o espaço físico delimitado e permanente onde são realizados ações e serviços de saúde humana sob responsabilidade técnica). Essas transformações buscam contribuir no processo de cura dos pacientes e, principalmente, de bem-estar (foco do presente artigo).

O conceito de bem-estar não é novo, muitas vezes foi associado a cuidar da sua saúde através de exercícios físicos ou de dietas. Em muitas casas (da classe média ou alta) eram comuns que existissem fitas cassete de alguma professora de educação física, ensinando exercícios. Receitas de dietas em revistas também eram facilmente encontrados em bancas de revistas. Hoje mudaram as mídias, mas ainda é uma demanda grande da população por qualidade de vida.

Surge, então, o *wellness space* (espaços de bem-estar) preocupados com a necessidade das pessoas por prazer associado a diversas dimensões. O termo “*wellness*” é definido pela Sociedade Brasileira de *Wellness Coaching* (2016) como:

Uma filosofia de vida que abrange seis dimensões: Corporal, Emocional, Ocupacional, Intelectual, Social e Espiritual. Essas dimensões estão interligadas e precisam ser trabalhadas para a manutenção do equilíbrio e harmonia constantes.

Cada uma dessas dimensões será abordada, mas antes é necessário trazer um pouco do conceito desses ambientes de bem-estar (ou *wellness space*). Esse termo vem sendo reinterpretado e outras áreas estão aderindo ao termo e especialmente à sua filosofia para incorporar as atividades.

O bem-estar é definido na medicina como uma melhoria dos aspectos e condições globais do corpo internas do paciente, em relação a patologias e ao vigor físico, onde há um equilíbrio nessas dimensões.

Da Silva, Mané e Ferreira (2016, pág. 08) trazem um conjunto de definições de *wellness* que ajudam a compreender esse termo:

As dimensões do Bem-estar de acordo com o site do Instituto Nacional de Bem-estar englobam os fatores: ocupacional, corporal, social, intelectual, espiritual e emocional. Corroborando com a ideia, os autores e médicos Ogata & Marchi (2008) conceituam bem-estar ou também chamado Wellness como um conjunto de equilíbrio saudável entre os aspectos emocionais, físicos, mentais, sociais, possuindo de acordo com os autores apenas quatro dimensões, que são: física, emocional, social e espiritual estando ligadas a qualidade de vida.

Esses espaços estão relacionados à nossa vida, onde as principais funções buscam atender às 06 dimensões anteriormente citadas, onde o designer de interiores deve contribuir para alcançar níveis elevados de bem-estar e saúde.

O lar ou o espaço de trabalho afetam diretamente o humor e afetar a saúde, afetando a produtividade. Esse é o motivo pelo qual grandes empresas no mundo vêm adotando ambientes que promovam a qualidade de vida no trabalho. Por vezes, os trabalhadores dedicam a maior parte do tempo de vida em ambientes laborais.

Entenda que por trás de resultados, máquinas, equipamentos, existe uma pessoa que tem problemas, que enfrenta desafios diários, tem sentimentos, tem relações e que cuidar da qualidade de vida dessa pessoa, deve ser um dos objetivos da empresa.

O designer de interiores deve oferecer, através do seu trabalho, benefícios e provocar sensações positivas quando os colaboradores utilizarem o espaço, aumentando de forma confortável o tempo de permanência dos funcionários na empresa, promovendo eficiência e excelência.

As dimensões do bem-estar que devem ser atendidas pelo designer de interiores na hora de projetar, são:

Corporal – relacionadas à atividade física, o espaço deve promover o conforto postural e fazer com que o usuário não sinta dor física, que atenda aos parâmetros de ergonomia e as dimensões do usuário. Aspectos que possam contribuir para amenizar a dor de cabeça, sensação de ansiedade, desânimo.

Emocional – dimensão que trabalha com os conceitos de autodesenvolvimento e autoconhecimento para gerenciar às emoções. O designer de interiores deve preocupar-se na forma que os espaços são projetados e concebidos e como os sentimentos podem ser alterados. Preocupa-se com a relação espaço x usuário, para projetar com objetivo específico de despertar emoções.

Ocupacional – responsável pelos aspectos de desenvolvimento profissional. Alguns aspectos dessa dimensão não têm como o designer de interiores interferir, mas é possível proporcionar ambientes que façam com que o usuário se sinta bem e estejam em harmonia durante o tempo que ficar utilizando o espaço.

Intelectual – aspecto responsável pelo estímulo da criatividade, fomentar o senso crítico, entre outros. Nessa dimensão o designer deve desenvolver espaços que causem impacto no bem-estar e melhore os níveis de produtividades dos colaboradores. O projeto deve influenciar no desenvolvimento do intelecto.

Social – vinculado com a comunicação e relacionamento com amigos, colegas, familiares e comunidade. Nesse aspecto o designer deve buscar promover interações, são relacionados aos espaços abertos, espaços coletivos, entre outros. Interação entre os espaços. Um dos conceitos aplicados aos wellness spaces é a biofilia (em tradução significa amor à vida), que acredita que os seres humanos têm uma ligação emocional com a natureza.

Espiritual - valores que buscam dar sentido à vida. O designer de interiores deve projetar visando harmonia, espaços que transmitam paz ou reflexão.

Alguns pontos devem ser compreendidos para promover o espaço de bem-estar e humanização de espaços, conforme apresentado no Quadro 01:

Illuminação adequada	Diminui a taxa de erros na dispensa de medicação (BUCHANAN ET AL, 1991)
Qualidade e frescor do ar	Ventilação pobre e insuficiente diminui a eficiência e produtividade no trabalho (SEPPÄNEN ET AL, 2006), além de aumentar o risco de infecção hospitalar (WHO, 2002).
Conforto térmico	O desconforto térmico afeta negativamente a capacidade de trabalho de enfermeiros (Fischer et al, 2006 apud MOURSHED & ZHAO, 2012) e diminui a produtividade por influenciar a habilidade de pensar (WITTERSEH, WYON & CLAUSEN, 2004).
Existência de luz solar	Estudos evidenciam os benefícios em especial da iluminação natural sobre o bem-estar psicológico de uma pessoa, além de seu impacto no ciclo circadiano (ULRICH ET AL, 2008). Assim, à medida que a exposição à luz natural aumenta, os níveis de estresse caem e os níveis de satisfação dos usuários sobem (ALIMOGLU & DONMEZ, 2005).
Nível de barulho	A efetividade dos funcionários aumenta em ambientes silenciosos (DUBBS, 2004). A introdução de um ambiente com um projeto acústico adequado pode contribuir para uma experiência hospitalar menos estressante (THORGAARD ET AL, 2005).
Esquema de cores agradável	Junto com a iluminação, o esquema de cores tem um impacto sobre a relação entre os usuários e o ambiente, e afetam o estado de espírito dos funcionários e a qualidade do seu atendimento (DANKE ET AL, 2006).
Layout do mobiliário	Espaços com problemas ergonômicos são associados à altos níveis de absenteísmo e podem também ser relacionados à baixos níveis de cuidado com pacientes (JANOWITZ ET AL, 2006). Características ergonômicas do mobiliário e equipamento podem causar lesões a longo-termo nos músculos ou nervos devido ao mau posicionamento do corpo ou uso do músculo (VISHER, 2007).
Paisagismo de interiores	A visualização de imagens da natureza em ambientes internos funciona como distração positiva, favorecendo a criação de um ambiente de trabalho agradável e a recuperação do paciente (ULRICH, 1999).
Vista do espaço para o exterior	Visuais para a natureza tem impacto positivo psicológico, e inclusive tem comprovados benefícios para o bem-estar fisiológico dos pacientes, levando a uma redução do estresse, diminuição no consumo de analgésicos e aceleração da alta hospitalar (ULRICH, 1984).

Localização e orientação do espaço	A dificuldade de orientação no ambiente hospitalar pode contribuir para o aumento do estresse dos usuários em geral e prejudicar a atuação dos funcionários (ZIMRING, 1990).
Presença de obras de arte	Intervenções artísticas são efetivas na redução de resultados fisiológicos e psicológicos adversos (STECKEY & NOBEL, 2010).
Proximidade à enfermaria	Longas distâncias entre diferentes áreas de trabalho possuem um efeito negativo no desempenho dos enfermeiros (PWC, 2004) e na qualidade do atendimento.
Provisões para higiene das mãos	A falta de higiene das mãos dos funcionários é a principal causa de infecções hospitalares (PITTET ET AL, 2000).
Espaço	A percepção da espacialidade do ambiente tem efeito na satisfação dos usuários e no seu desempenho (O'NEILL, 2007).
Limpeza e facilidade de manutenção	As características das superfícies, como textura e porosidade, afetam o controle de infecções (DANCER, 2011).

Quadro 1: Aspectos da humanização de espaços.

Fonte: PET ARQUITETURA (2014, pág. 54).

Essa é uma das pesquisas que trazem os efeitos da humanização de espaços preocupados diretamente com o *wellness* e com o desempenho das atividades realizadas no ambiente.

É um fundamental refletir sobre os benefícios desse que esse ambiente traz para a vida dos usuários, promovendo uma harmonia com o campo profissional e pessoal para alcançar o bem-estar.

Wellness space não é um modismo, é uma necessidade. O designer de interiores deve conseguir traduzir as 06 dimensões, necessidades e os aspectos das humanizações em um projeto técnico, mas também que agrade esteticamente e que funcione nas atividades a que o ambiente se destina, garantindo a produtividade e a eficácia do trabalho realizado.

Os espaços de trabalho não devem se apresentar como um ambiente desorganizado, onde ficam empilhados papéis, livros, documentos, computadores, fios ou outros itens. Um ambiente desorganizado causa fadiga e estresse, prejudica a atenção dos colaboradores e aumenta os riscos de acidentes de trabalho.

O espaço deve ser planejado para atender aos princípios ergonômicos, promovendo conforto e organização. São comuns estudos que apontam os efeitos positivos que a qualidade do ambiente do trabalho a curto, médio e longo prazo na produtividade e saúde dos usuários. Uma boa estratégia para humanizar os espaços é criar um ambiente criativo, que promova a colaboração entre todos.

Existem alguns pontos elementares para promover um bom espaço de bem-estar que devem ser levados em consideração, são eles:

Ambientes abertos – sempre que possível, explorar espaços que permitam interação entre os colaboradores, livres de barreiras físicas, facilitando a troca de ideias entre atividades. Ajuda a melhorar o fluxo de trabalho. Empresas de tecnologia adotam esse tipo de interior para melhorar o clima e visão organizacional, retirando os obstáculos dos níveis de hierarquia.

Design biofílico – promover conexão entre a tecnologia e ambiente, buscando satisfazer nossa necessidade inata de nos associar à natureza. Adote ferramentas para reconectar as pessoas com o ambiente natural, vegetação, iluminação e ventilação natural, integração entre ambiente interno e externo, entre outros.

Iluminação adequada – esse é um dos elementos mais importantes no ambiente de trabalho, mas que muitas vezes é tratado apenas como um detalhe. A iluminação inadequada dificulta a visibilidade, diminuindo a nossa acuidade visual, indiferente de haver muito ou pouco elemento de iluminação. É essencial buscar o equilíbrio para que a produtividade não ser prejudicada. Faça um estudo lumínico do ambiente, mas lembre que as empresas são orgânicas, mudam constantemente, por esse motivo deve ser levado em consideração a necessidade de flexibilidade do espaço.

Flexibilidade do ambiente – Como falado no item anterior, o espaço de trabalho tende a ser transformado. Ambientes flexíveis conseguem atender vários perfis profissionais e conseguem se adequar a realidade da empresa. Ao planejar esse espaço, é necessário pensar nele de forma eficiente e dinâmico.

Conheça a empresa – se for uma empresa já existente, vivencia a rotina dos funcionários, se for uma empresa que ainda irá começar converse com os diretores e busque extrair como as pessoas irão trabalhar nela. Identifique cada espaço e converse com os usuários. Aplique parâmentros de ergonomia e retire obstáculos.

Crie break out spaces – o trabalho e, principalmente, a produtividade não acontece apenas nas estações de trabalho. É necessário criar zonas que promovam troca de experiências e que garanta momentos de incubação (ver elementos do processo criativo). Esses locais podem ser utilizados de diversas formas, o objetivo deles é exatamente o que diz o seu nome: espaço de pausa. E devem ser utilizados para momentos de descompressão, para encontros informais e até para reuniões. Nesses locais a criatividade pode trabalhar de forma livre.

Promova o conforto – um dos elementos que mais atrapalham a produtividade é o desconforto e isso não é relacionado apenas a dimensões dos mobi-

liários, é possível citar alguns tipos de conforto que os designers de interiores devem manter-se atentos. São eles: conforto térmico (garantir a melhor temperatura para o espaço, se possível de forma individualizada), conforto lumínico (investir em um projeto de iluminação flexível), conforto acustico (capacidade de um ambiente em minimizar ruídos), conforto visual (relacionada com a iluminação, também é pertinente aos aspectos de sensações causadas pelo mobiliário, cores, organização do espaço, entre outros).

O bem-estar de uma pessoa não depende de um fator isolado, há sempre um contexto que deve ser analisado e que é necessário buscar um conjunto de soluções para alcançar a qualidade de vida no trabalho. Não há mais justificativa para projetos que não se preocupem com essas seis dimensões apresentadas, muito menos com espaços barulhentos, desconfortáveis, fadigantes. Mais do que nunca o design de interiores deve buscar melhorar o desempenho dos profissionais em seu ambiente de trabalho e se preocupar em promover a saúde e bem-estar das pessoas.

Por isso, é tão importante a escolha de um bom designer de interiores, que não crie um padrão para todos os seus clientes, mas que precisa levar esses fatores em consideração em seus projetos, que compreenda as necessidades do cliente e que proponha uma solução personalizada.

REFERENCIAL

BRASIL, PORTARIA Nº 2.022, DE 7 DE AGOSTO DE 2017. Altera o Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES), no que se refere à metodologia de cadastramento e atualização cadastral, no quesito Tipo de Estabelecimentos de Saúde. Brasília, DF, 2007. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2022_15_08_2017_rep.html>. Acessado em: 01 de julho de 2022.

CAVALCANTI, Patrícia (org.). ELY, Vera Helena Moro Bins (org.). **Definição de critérios projetuais para o design de interiores de unidades de pronto atendimento.** PET Arquitetura e Urbanismo / UFSC. Santa Catarina, 2014. Disponível em: <https://issuu.com/petarqufsc/docs/caderno_upa_final_1>. Acessado em: 01 de julho de 2022.

DA SILVA, Islaine Cristiane Oliveira Gonçalves. MANÉ, Alexandra Nhara Martins. FERREIRA, Lissa Valéria. **Turismo de Bem-estar: conceitos e funda-**

mentos do Wellness. Rio Grande do Norte, 2016. Disponível em: <<https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/12/149.pdf>>. Acessado em: 01 de julho de 2022.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE WELLNESS COACHING. **Wellness coaching.** Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://www.sbcc.com.br/wellness-coaching/definicao/>>. Acessado em: 01 de julho de 2022.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO. **Pesquisa da Uerj indica aumento de casos de depressão entre brasileiros durante a quarentena.** Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <<https://www.uerj.br/noticia/11028/>>. Acessado em: 01 de julho de 2022.

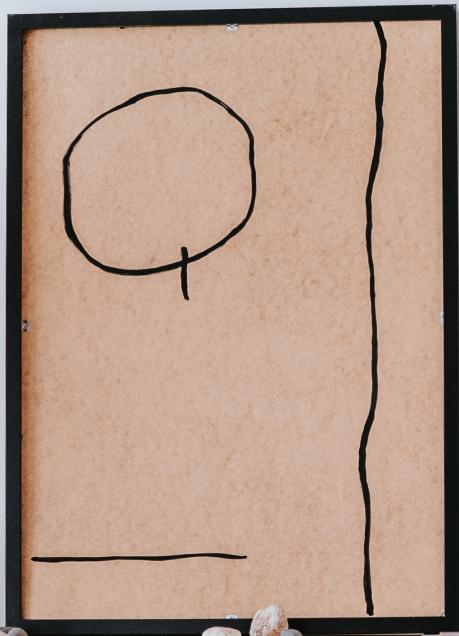


Photo by PNW Production. Fonte: Pexels.

DESIGN GEEK

A Cultura geek ou nerd se iniciou entre os anos 50 e 60 e desde então esteve presente na cultura, de certa forma todos nós já tivemos algum contato com ela em alguma fase da vida, um exemplo disso são os filmes que fizeram sucesso nos cinemas, como: Vingadores Guerra Infinita, A Saga Harry Potter e O Batman, sem contar o universo dos quadrinhos e mangás japoneses, entre muitos outros. O público alvo desse segmento são, em sua maioria, jovens de 15 a 35 anos que consomem bastante. Na tradução do inglês, nerd ou geek tem um significado de pessoas bregas. Antigamente, ser chamado de nerd era considerado motivo de vergonha, já nos dias atuais os nerds vem demonstrando que não é nada disso e que esse tipo de pensamento está ultrapassado.

A cultura geek tem mostrado um grande aumento por estar bem inserida na cultura atual mostrando ser uma super tendência de música e moda, o que mais caracteriza um nerd é a paixão por videogames, computadores, tecnologia, games em geral, ficção científica e RPG. A galera denominada nerd sempre foi muito dedicada a aprender sobre todas essas coisas, o que acaba os tornando especialistas no assunto de novas tecnologias, filmes, games e afins. Toda essa popularização da cultura geek possibilitou que pessoas que gostam de coisas relacionadas a tecnologia e assuntos do gênero pudessem interagir com outro grupo e assim propagar cada vez mais essa cultura que de brega não tem nada.

Pois bem, como os geeks gostam de várias coisas que tem uma certa semelhança, ou seja, uma cultura bem marcada, dentro desse grupo existem categorias para cada coisa que a pessoa se identificar, um exemplo são os fãs de games, fãs de animes e mangás, de computadores, de ficção científica, fãs de heavy metal e por últimos os fãs de séries de televisão. A relevância que essa cultura trás são as tendências e que a cada momento que passa está conquistando o seu espaço, hoje em dia é muito comum ver diversos canais de comunicação, totalmente dedicados ao assunto.

Quando falamos de incluir a cultura geek no projeto de interiores, é importante ter criatividade e conhecer as especificidades desse estilo de vida, para passar a essência e personalidade das pessoas que moram ou frequentam o local. Dentre os elementos a serem considerados, podemos citar, por exemplo, as coleções de brinquedos e personagens, muito comum para a cultura geek,

que precisam ter lugar de destaque na decoração. Os detalhes em led colorido, assim como outras referências a games, como quadros e desenhos. Levar em consideração o local do computador, normalmente de mesa, com tela grande, iluminação e cadeira adequadas para permanecer muito tempo em jogos on-line ou acompanhando filmes. As almofadas ditam o conforto e a vontade de reunir os amigos nesse espaço, compartilhando as ideias. A notoriedade dos livros também importa, pois preferem que fiquem expostos, em se tratando de um acervo especial.

A importância do designer se inserir no dia a dia de um cliente, entendendo suas necessidades, gostos e preferências, tal qual compreender a cultura e identidade pessoal e familiar, faz toda a diferença na hora de projetar um sonho. Dos clientes mais tradicionais aos mais descolados, o design voltado aos geeks é um exemplo de que devemos nos manter atualizados e antenados a tudo que acontece à nossa volta. A partir de uma característica específica, podemos adentrar nos sonhos do cliente, surpreendendo e idealizando. A cultura geek traz diversos detalhes, e é nos detalhes que fazemos o design.

Alicy Martins Duarte
Acadêmica de Design de Interiores
Campo Grande - MS

ECODESIGN

A sustentabilidade é formada pelo conjunto de ações ambientais, sociais, culturais e econômicas. Esses conceitos devem estar muito bem integrados, para que haja a ação sustentável. As atividades humanas impactam diretamente no meio ambiente, e consequentemente nas gerações futuras. Suprir nossas necessidades e continuar desenvolvendo, ao mesmo tempo em que zelamos pelos recursos naturais, refletem o conceito de sustentabilidade. Não basta apenas ser entusiasta, é necessário ter reconhecimento e colocá-lo em prática.

Aplicar a sustentabilidade nos projetos, se tornou um requisito importante tanto para o cliente quanto para o profissional, que se sentem em indireta colaboração com o planeta, visto que a responsabilidade ambiental já é reconhecida como fator essencial ao futuro. A palavra de ordem é otimizar, selecionando materiais adequados e controlando o consumo excessivo.

A finalidade de uma abordagem sustentável não é apresentar-se, da noite

para o dia, como o ente mais respeitoso do planeta, mas agir corretamente, minimizando sensivelmente o impacto ambiental de sua produção (PELTIER, SAPORTA, 2009). O Ecodesign está inserido no design sustentável. Como define Platcheck (2012), o termo Ecodesign expressa diretamente o fato de que Ecologia e Economia devem estar unidas e inseparáveis, para o bom design em procedimentos de Ecodesign. O design, de modo geral, está voltado ao meio ambiente, seja para a produção de embalagens retornáveis, criação de um novo eletrônico, reaproveitamento de materiais nas indústrias, até a aplicação na construção civil e decoração de ambientes. O Ecodesign prioriza a diminuição dos impactos ambientais, prevenindo a poluição, economizando água e energia e utilizando materiais recicláveis, entre outras ações.

A Revolução Industrial trouxe diversas mudanças para os ambientes residenciais, transformando os métodos de produção e o uso de materiais no desenho dos móveis e objetos de decoração. Foi neste período que o padrão de vida aumentou, e o consumidor de classe média passou a investir na decoração interna de sua moradia, seguindo as tendências da moda e imitando o estilo das classes sociais superiores. Com base na linha do tempo, é notável a mudança social, econômica e ambiental, gerada pela industrialização. Um processo que trouxe avanços significativos de uma forma geral, impactou, sobretudo, no design, na construção, ambientes internos de moradia e trabalho e na forma de consumo desenfreado, impactando diretamente na sustentabilidade. Assim, a prática do Ecodesign visa minimizar os impactos causados na fabricação, uso e descarte dos materiais no design de interiores.

O designer, responsável por contribuir significativamente com a sustentabilidade em um produto ou ambiente, levando em consideração uma ou mais esferas da sustentabilidade, engloba o Ecodesign. Ou seja, o profissional dessa área deve conciliar os interesses das empresas e fabricantes, com os interesses dos consumidores, exercendo papel fundamental, portanto, na sustentabilidade, sem esquecer das gerações futuras e suas necessidades.

Se destacando por exercer papel integrador e dinâmico, entre ecologia, inovações tecnológicas e necessidades dos usuários, o designer atinge todas as ideias que envolvem o Ecodesign. Ademais, a logística reversa é parte integrante desse processo, mas isso é assunto para outra ocasião.

Ana Carla Furst
Designer de Interiores - ABD n° 36305
Campo Grande - MS



Formação de paleta de cores. Fonte: Freepik.

Materiais, Acabamentos e Equipamentos

Rosangela Bimonti
[@rosangela_bimonti](https://www.instagram.com/rosangela_bimonti/)



“Somos transição, somos processo. E isso nos perturba. O fluxo de dias e anos, décadas, serve para crescer e acumular, não só perder e limitar. Dessa perspectiva nos tornaremos senhores, não servos. Pessoas, são pequenos animais atordoados que correm sem saber ao certo por quê.”

- Lya Luft

Nos dias 7 a 12 de junho, aconteceu o **Salone del Mobile Milano** para receber todos os profissionais das áreas do design, visitantes do mundo inteiro para uma experiência imersiva com mostras complementares e distintas onde mais de duas mil empresas de mobiliário foram apresentadas em Milão Itália, foi a 60ª edição do Salão do Móvel de Milão onde exibiu criações espetaculares, o evento apresenta inovações, tecnologia, cultura e tendências, com sustentabilidade, tecnológica e muitas cores

Os materiais dos revestimentos, acabamentos e equipamentos são classificados por tipos e variam desde as partes de desenho aos objetos de antiquário, desde as reproduções, às peças únicas e coordenadas ao clássico e o moderno, desde o étnico à fusão. Graças a grande oferta comercial e grande variedade de produtos novos, as cenografias dos stands e serviços impecáveis, visitar a feira é aprazível. Os Salões oferecem uma série imperdível de eventos colaterais, é um laboratório de experimentação, contagiente, um ponto de encontro e novas oportunidades para refletir sobre o mundo do design e do projeto.

Anexo ao salão, aconteceu a **Euroluce**, a Exposição Internacional de Ilumi-

nação, desde 1976, que apresentou as soluções mais inovadoras no campo da luz interior e externa é o evento de referência internacional no mundo da luz com mais de 420 expositores, metade deles estrangeiros, entre as melhores marcas do setor. Os protagonistas são a inovação e a cultura do projeto.

Uma ampla gama de produtos que vai desde inovações em termos de luminárias ao ar livre, internas, industriais, para shows e eventos, para o setor hospitalar, para usos especiais, sistemas de iluminação e automação residencial, fontes de luz e software para tecnologias leves.

Um evento de vanguarda no campo da eco sustentabilidade e economia de energia modificou comportamentos tanto nos setores decorativos quanto de iluminação.



Imagem 1: Instalações para animar a Feira e Milão como um todo.

Fonte: profiliarredamenti.com

Muitas marcas de luxo, incluindo Dior e Louis Vuitton, participaram da Salone del Mobile 2022 em Milão, Itália; cada um mostrando móveis e desenhos únicos.



Imagen 2: Philippe Starck criou um “concerto” de cadeiras para Dior No Palazzo Citterio, o rei do design reinterpretou a icônica Cadeira medalhão em um show de luzes e música.

Nascida em 1974, a cada dois anos, a Exposição Internacional de Móveis de Cozinha com o evento paralelo FTK (*Technology For the Kitchen*) é o palco privilegiado de cozinhas de alta qualidade.

Em sua 23^a edição, a **EuroCucina** responde de forma precisa e inovadora ao grande interesse que este setor continua a despertar, graças também à contribuição da FTK – Tecnologia Para a Cozinha, a proposta colateral dedicada aos eletrodomésticos embutidos e sua evolução. Em sua 23^a edição, a EuroCucina responde de forma precisa e inovadora ao grande interesse que este setor continua a despertar, graças também à contribuição da FTK – Tecnologia Para a Cozinha, a proposta colateral dedicada aos eletrodomésticos embutidos e sua evolução.



Imagen 3: Cozinha clara e escuro Emobile. Fonte: [emobile](#).



Imagen 4: Antigos postes de Veneza são transformados em revestimento da cozinha-ilha de Stefano Boeri Architetti para Arancucine | Sharon Abdalla/HAUS.

Fonte: [Gazeta do Povo](#).

Salone Satellite apoia por sua vocação a relação entre pesquisa, design e dimensão industrial. Aberto a designers com menos de 35 anos, tem como objetivo facilitar o relacionamento entre empresas e jovens designers que se preparam para enfrentar a profissão e o mercado, após suas experiências de formação.

Esse envolvimento visa compreender como o sistema educacional em torno do design está mudando, quais são as prioridades indicadas aos alunos e processos de pesquisa, como as habilidades intelectuais e práticas dos alunos são estimuladas e, portanto, a compreensão dos problemas e consequências de uma determinada forma de produzir.

Desde 2010, foi anunciado o concurso **SaloneSatellite Award**, que promove

contatos direcionados entre jovens designers e empresas expositoras no *Salone del Mobile.Milano*, ao lado, o *SaloneSatellite* também apresenta o trabalho de universidades e escolas especializadas de design.



Imagen 5: “DESENHANDO PARA O FUTURO”, as necessidades de autonomia e inclusão relacionadas à sociedade como um todo, e as vantagens do design estendido às necessidades de cada faixa etária e diferentes habilidades com foco na “sustentabilidade” .

Fonte: salonemilano.

Um palco que sempre alia negócios e cultura, fazendo a história do design e do mobiliário de ontem, de hoje e de amanhã. E que se apresenta ao mundo uma oferta de produtos da mais alta qualidade divididos em três tipos estilísticos:



No **Clássico** estão os valores da tradição, artesanato e maestria na arte de fazer móveis e objetos em estilo clássico;

No **Design** a expressão dos produtos, funcionalidade, inovação e grande sentido estético, no design de móveis de modo geral, nenhuma cor em especial esteve em alta nos estofados além do cinza e do branco, enquanto o preto inexistente. Nos móveis de sala, racks e análogos, foram apresentados na grande maioria das vezes com linhas finas e grande mistura de padrões, com interessantes designs e posicionados mais baixos nas salas de estar.



Imagen 6: Fonte: [emobile](#).

O **xLux**, é um setor dedicado ao luxo atemporal reinterpretado de modo contemporâneo, na área de luxo da feira, as empresas mostraram muitas peças com luxo clássico e moderno, tendo, é claro, brilho e ouro presentes em demasia, o segundo em vários detalhes e o primeiro muitas vezes em madeiras envernizadas. Os estofados estiveram em sua maioria brancos, com textura “enrugada” e aconchegante – também foram vistos bastante sofás cinzas.



Imagen 6: Fonte: [emobile](#).

Uma oferta que combina qualidade e tecnologia, fruto da criatividade das melhores empresas do setor, capazes de desenvolver o seu negócio investindo todos os anos na inovação de produtos e soluções para a vida.

Os numerosos expositores e milhares de produtos em exposição confirmam a importância do *Salone Internazionale del Mobile* como palco internacional de criatividade e fórum para profissionais - em média, todos os anos, mais de 370.000 visitantes de 188 países

Salone del mobile é uma proposta cultural também e vanguardista, Design com Natureza e projetos de valor extraordinário, com materiais capazes de entrelaçar sustentabilidade, design, tecnologia e história, exibe o melhor do design.

Imagen 7: Franco Fabbri - O interior oferece tecidos Made in Italy na peça ou corte, com possibilidade de personalização.

Fonte: [salonemilano](#).



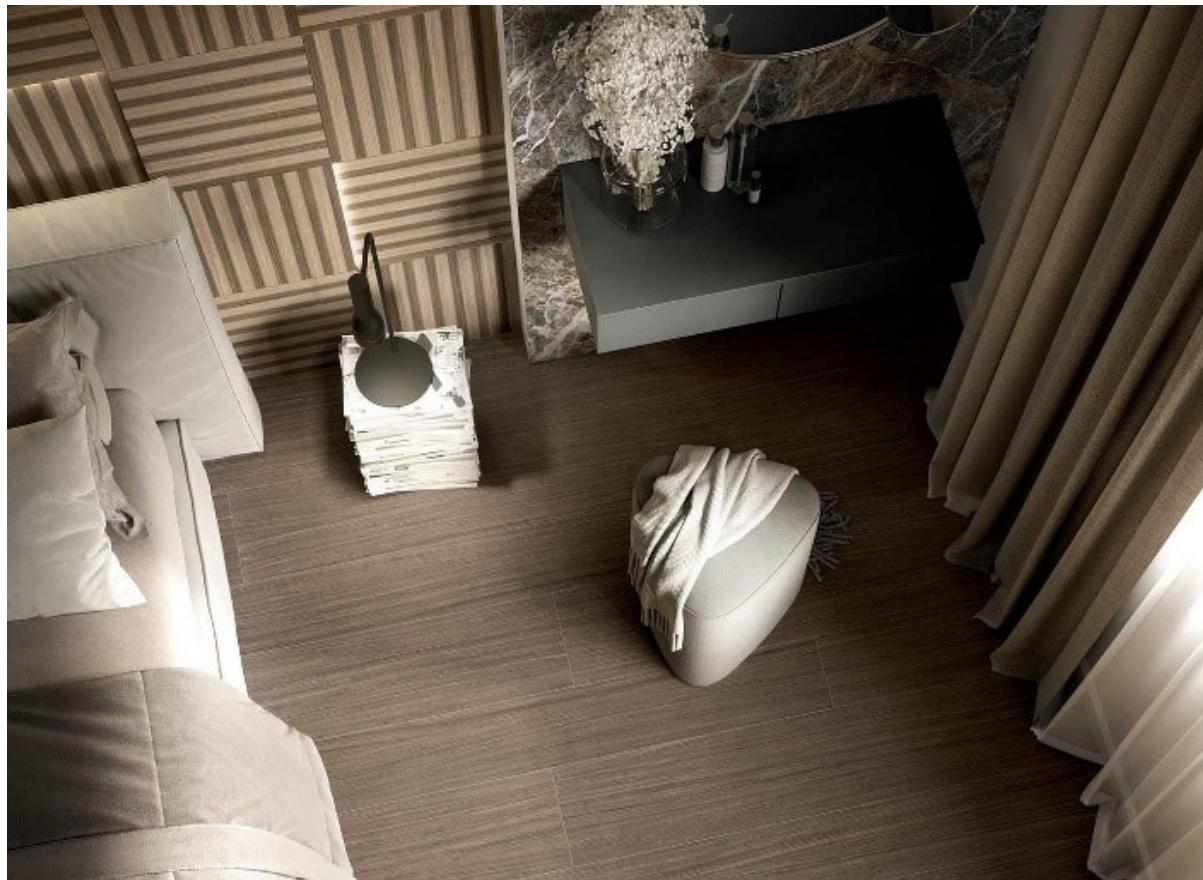


Imagen 8: Villa di Matera lembra as sugestões materiais e visuais da terra lucana. A textura lembra o bege quente e branco brilhante, um atlas cromático inconfundível que distingue o território montanhoso da cidade.□

Fonte: [salonemilano](#).

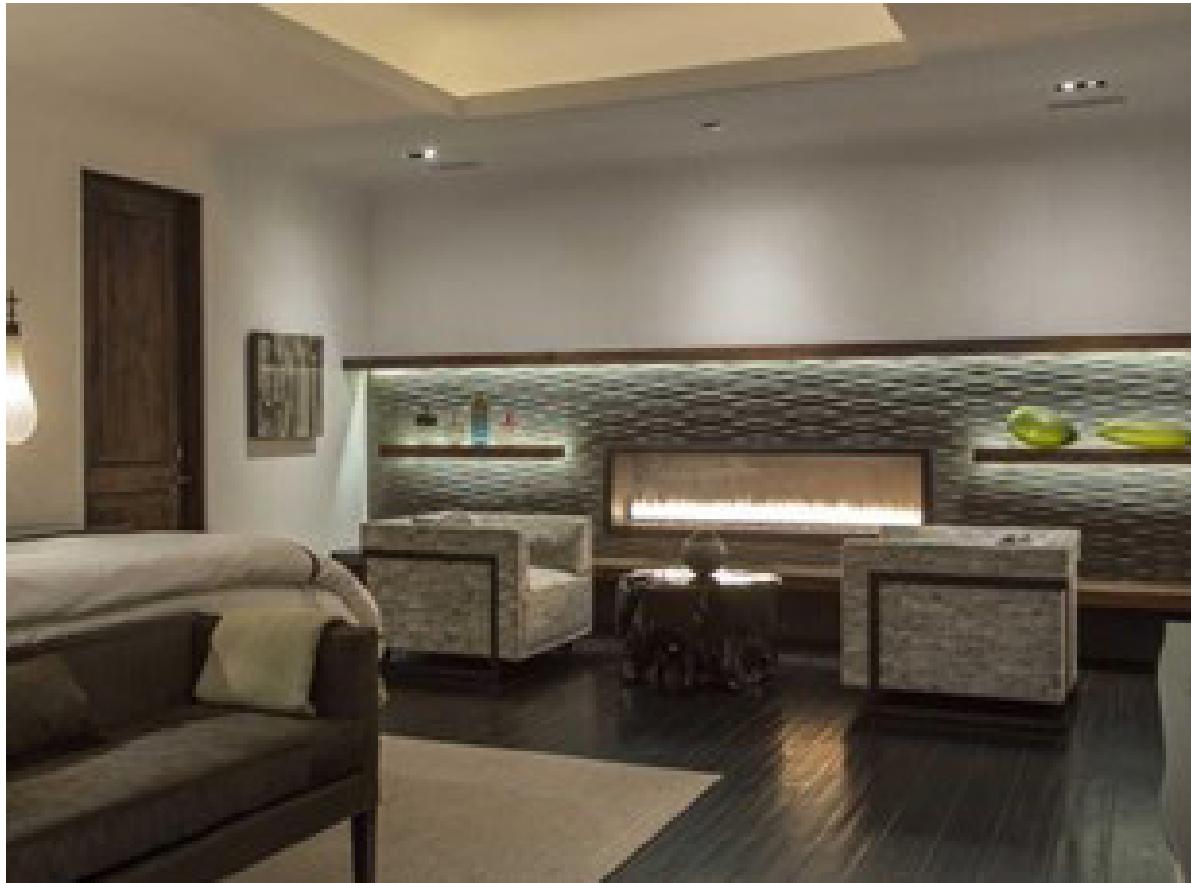


Imagen 9: □Nesse revestimento a textura em particular é fascinante e ao mesmo tempo mutável dependendo dos pontos de observação. As facetas de um prisma, distorcidas e alongadas.

Fonte: [salonemilano](#).

ACESSE O NOSSO CANAL NO YOUTUBE



LINK NA BIO DO INSTAGRAM
@DESIGNDEINTERIORESBR



DESIGN DE INTERIORES BRASIL



Apartamento em Minsk, por designer Yehven Zahorodnii. Fonte: designmag.



VOCÊ CONHECE A HISTÓRIA DA REGULAMENTAÇÃO DO DINT AQUI NO BRASIL? - Parte I.

É bastante provável que a maioria dos profissionais e estudantes de Design de Interiores (quiçá muitos dos professores e profissionais) desconheçam essa importante faceta da nossa história. Por isso, resolvi apresentá-la aqui na Revista DIntBR nessa e nas próximas edições. Farei isso pois as análises de cada um deles (os mais importantes) acabaram deixando o texto muito longo então, serão provavelmente três edições tratando desse assunto.

Muitos pensam que a regulamentação se deu em um passe de mágica em 2016, através da Lei nº 13.369/2016, mas, na verdade, não foi bem assim. Em minhas pesquisas no site da Câmara dos Deputados encontrei a primeira referência a isso no ano de 1995. A última, que culminou na Lei que regulamentou nossa profissão, no ano de 2012 – datas de entrada dos Projetos de Lei (doravante apenas PL).

Conhecer essa parte da nossa his-

tória é importante já que se faz preciso entender como algumas coisas funcionam (ou não) e, o mais importante: como os parlamentares desconhecem a nossa profissão e são facilmente manipulados por forças estranhas à nossa área profissional, mas que tem alto interesse nesse mercado – e, também, desconhecem profundamente o que é Design. E quando digo parlamentares me refiro aos deputados federais e senadores.

Um outro detalhe fica evidente nas análises dos vetos e arquivamentos dos Projetos de Lei: a dificuldade que os parlamentares têm em compreender o Design como uma área autônoma e específica e de entender o Design como ferramenta estratégica para o desenvolvimento educacional, tecnológico, econômico, social e cidadão de nosso país.

Para que essas colunas não fiquem muito extensas utilizarei de links para o site da Câmara dos Deputados direcionados às páginas dos referidos

Projetos de Lei (PLs) onde constam diversas informações complementares e os dados que baseiam essa análise. Portanto, basta clicar nos links e você terá acesso à toda a documentação relacionada à tramitação deles, que inclui texto original, pareceres, alterações, vetos e justificativas.

Iniciamos, então, no ano de 1995 com o PL n° 799:

PL 799/1995	
Autoria:	Deputada Maria Elvira - PMDB/MG
Initiativa:	AMIDE (Associação Mineira de Decoradores de Interiores).
Ementa:	Regulamenta o exercício da profissão de Decorador, e dá outras providências.
Relatório de tramitação:	http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=182619
Argumentação:	arquivado, nos termos do artigo 133 do r. Dcd 21.12.96 pag. 33990 col 02.

Vale destacar, de início, que esse PL trata da regulamentação da profissão de Decorador pois esse era o nome da profissão aqui no Brasil nesse período.

Possui um texto bastante complexo no tocante às exigências acadêmicas, atribuições e responsabilidades:

I - elaborar e responsabilizar-se por projetos de decoração de ambientes internos e externos; II - elaborar e responsabilizar-se por projetos de mobiliário e objetos de decoração; III - promover eventos relacionados com a decoração; IV - fornecer consultas técnicas referentes à decoração de ambientes internos e externos; V - desempenhar cargos e funções em entidades públicas e privadas relacionadas com a decoração; VI - ensino, pesquisa, experimentação e ensaios; VII - fiscalização de obras e serviços técnicos de decoração; VIII - direção de obras e serviços técnicos de decoração; IX - produção técnica especializada.

Também, elencava “o que” esses profissionais poderiam fazer (competências e habilidades):

I - Mudanças de nível de piso e criação de mezzanino; II - rebaixamento de tetos; III - especificação de materiais e troca dos mesmos; IV - marcação de pontos de luz, água e elétricos; V - desenho e detalhamento de móveis; VI - criação de elementos avulsos para complementação do projeto; VII - paisagismo e urbanismo; VIII - abertura e fechamento de vãos; IX - disposição do mobiliário conforme planta baixa.

§ 2º Na execução do projeto o Decorador deverá prestar assessoria técnica no estudo da viabilidade e desenvolvimento do projeto, consultoria, exercendo as seguintes atividades:

I - coleta de dados de natureza técnica; II - desenho de detalhes e sua representação gráfica; III - elaboração de orçamentos de materiais, equipamentos, instalações e mão-de-obra; IV - elaboração de cronograma de trabalho, com observância de normas técnicas e de segurança; V - fiscalização, orientação e coordenação do projeto nas instalações, montagens, reparos e manutenção; VI - assessoramento técnico na compra e na utilização de materiais, móveis, adornos e objetos de arte; VII - responsabilidade pela execução de projetos compatíveis com a respectiva formação profissional; VIII - receber assessoramento técnico de profissionais na execução de projeto complementar em áreas que não sejam da competência do Decorador; IX - conduzir a execução técnica dos trabalhos de sua especialidade; X - prestar assessoria técnica no estudo e desenvolvimento de projetos.

Vale ressaltar aqui que o item V - desenho e detalhamento de móveis – não se refere diretamente ao Design de Produtos e sim, ao desenho de mobiliários fixos necessários ao projeto, apenas, como os móveis planejados, por exemplo. Volto a esse assunto mais à frente.

Constava em seu texto questões relacionadas ao Direito Autoral, seguindo o mesmo padrão utilizado nas Leis e Resoluções que regem a Arquitetura, mas, no entanto, os parlamentares não entenderam a proposta misturando alhos com bugalhos:

Art. 9º Os direitos autorais de um projeto de decoração, respeitadas as relações contratuais expressas entre o autor e outros interessados, são do profissional que os elaborar.

Parágrafo único. Quando o projeto for elaborado por mais de um decorador legalmente habilitados, todos serão considerados co-autores, com os direitos e deveres correspondentes.

Art. 10. As alterações do projeto só poderão ser feitas pelo profissional que o tenha elaborado.

Parágrafo único. Em caso de seu impedimento ou recusa comprovada, as alterações poderão ser feitas por outro profissional habilitado, a quem caberá a responsabilidade pelo projeto.

Art. 11. É assegurado ao autor do projeto o direito de acompanhar a sua execução, de modo a garantir a sua realização de acordo com o que nele foi estabelecido

Sobre o Direito Autoral, vale aqui um destaque pois esse tema é abordagem será utilizado em outros PLs em tramitação – inclusive os relacionados ao

Design: em Design de Interiores, em Arquitetura e em outras áreas consideradas criativas diz respeito exclusivamente à proteção da ideia original (o projeto) para que esse não seja copiado por outros profissionais e/ou pessoas. Nada tem a ver com a imposição de uma rigidez pós-ocupação onde os usuários não possam fazer as adaptações que julgarem necessárias. Utilizamos esse fator, inclusive, para verificação de erros e acertos nos projetos afim de melhorarmos cada vez mais o nosso profissionalismo e cuidados com técnicas, normas, usabilidade, experiência etc. Em nada tem a ver com proibirmos a dona Maria trocar a posição de móveis, objetos, alterar panejamentos, cores de paredes nem nada similar. A partir do momento em que o projeto é entregue executado, o PROPRIETÁRIO DO ESPAÇO É O DONO DO ESPAÇO – É QUEM PAGOU POR ELE. Isso serve para edificações e tudo mais.

Bizarro foi ver o voto de uma deputada, em um dos PLs de Design alegar que, se regulamentado o Design, “a dona Maria não vai mais poder pintar seus guardanapos para vender e sobreviver”. Não me recordo em qual deles isso aconteceu, mas vou procurar em meio à documentação disponível e trago na próxima coluna a informação correta com nome e inteiro teor do voto. E o Design de Interiores não foge à essa regra – ou visão distorcida e irreal – que os parlamentares e parte da sociedade tem sobre a nossa profissão. Acham que é artesanato, possível de aplicar indiscriminadamente o DIY (faça você mesmo) e muitas outras distorções que, sabemos, não é verdade.

O PL previa a criação de um Conselho Federal de Decoradores – atribuição exclusiva do Poder Executivo – e o seu funcionamento que, por si só, já é um erro suficiente para derrubar a proposta:

Art. 13. Ficam criados o Conselho Federal de Decoração (CONFEDE) e os Conselhos Regionais de Decoração (CONREDE), com a finalidade de fiscalizar o exercício da profissão de Decorador.

Esse PL passou apenas por uma comissão, a CTASP (Comissão de Trabalho, Administração e Serviço Público), tendo o voto do relator (Deputado João Mellão Neto) contrário ao mesmo onde, apesar de reconhecer a importância da profissão, da formação acadêmica e de controle sobre a atuação de profissionais que interferem na vida e segurança de terceiros, ele rejeita a proposta, inicialmente sob o argumento de que

Naturalmente no quadro das várias especialidades nem sempre é necessário que o Estado interfira para defender o público, e não o deve fazer para deixar livre a concorrência para que todos busquem uma atividade e um emprego.

Na medida em que for possível não “reservar mercado” profissional ou setorial, temos certeza de que o próprio mercado que cresce dia a dia estabelece as exigências. É por isso que nós, os liberais, preferimos nunca estabelecer condições e qualificações para o exercício profissional, exceto se ele oferecer risco para o público.

A alegação de uma suposta reserva de mercado apenas demonstra o desconhecimento dele sobre o que era a profissão, apesar de toda a documentação, dados e explicações anexadas na justificativa do referido PL. E isso fica bastante evidente na sequência de seu relatório:

Não podemos dizer que o profissional de decoração, exceto se apanharmos sem muita sorte o primeiro que bata à nossa porta, possa nos oferecer risco. Isso não seria evitado com a qualificação ou titulação. Seus conhecimentos podem ser especializados desde um mínimo que qualquer pessoa de educação razoável, de segundo, e mesmo de primeiro grau, por aprendizado do tipo “twi”¹, treinamento e estágio, até a alta especialização de um vitrinista ou renomado arquiteto do estilo “Casa e Cor”, tão divulgado hoje. Mas não oferece risco exceto de não cumprimento contratual, o que já será problema de Defesa do Consumidor em qualquer circunstância, mesmo a do profissional regulamentado.

Se ele é tão especializado certamente já buscou uma qualificação nas artes ou nas técnicas de engenharia e arquitetura, profissões de risco patrimonial já regulamentadas.

Assim, mesmo reconhecendo a boa intenção da ilustre deputada, não julgamos que a profissão de decorador exija especialização ou ofereça risco de exercício ao público que determinem sua qualificação legal.

Percebe-se que o deputado-relator sequer citou o problema da criação do Conselho. Ele foca seu voto contrário, com absurdo desconhecimento sobre a profissão e forte lobby, apenas na questão do exercício profissional e, como liberal, na não interferência do Estado na regulação dos mercados.

Toda a documentação (dossiê) sobre o andamento desse PL pode ser acessada nesse link: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarIntegra;jsessionid=node0163x5akvk15gjz6yrruld482j3178501.node0?codteor=1134765&filename=Dossie+-PL+799/1995

1 O “Training Within Industry Service” (TWI) foi iniciado em 1940 durante a Segunda Guerra Mundial com o intuito de aumentar a produção para suprir as necessidades do esforço de guerra das Forças Aliadas. Uma ideia ultrapassada que foca na produção em massa, de forma mecânica e repetitiva, e não no conhecimento, técnicas, saberes, habilidades e competências da profissão.

Passemos então ao próximo PL:

PL 4296/1998	
Autora:	Deputada Maria Lúcia - PMDB/MG
Iniciativa:	não consta (apesar de ser bastante similar ao anterior da AMIDE).
Elabora:	Dispõe sobre o exercício da profissão de Decorador e dá outras providências.
Relatório de tramitação:	http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=20790
Argumentação:	Arquivamento do PL 4296/1998, nos termos do Artigo 133 do RI. OCD 10/04 02 Pág 14958 Col 01.

Possui um texto bastante similar ao anterior, com exclusões de atribuições profissionais e competências, além da retirada da criação de um conselho federal da proposta. Destaco o artigo 4º que apresenta as responsabilidades do decorador:

- a) mudança de nível de pisos; b) rebaixamento de tetos; c) especificação de materiais; d) marcação de pontos de luz e saídas elétricas; e) abertura e fechamento de vãos.

Percebe-se que houve uma redução enorme nas atribuições e competências do profissional se comparado ao PL anterior. Outro problema é que esse PL tramitou durante a troca do parlamento provocada pelas eleições, tendo sido arquivado em 02/02/1999 e desarquivado na sequência 25/02/1999. O arquivamento automático acontece quando o parlamentar autor da proposta não se reelege ou não se manifesta sobre a continuidade de tramitação em caso de reeleição. Nesse caso, foi desarquivado por solicitação da autora.

Esse PL também previa questões relacionadas aos direitos autorais e ao exercício irregular da profissão. Igualmente ao anterior, esse PL passou apenas por uma comissão: a CTASP (Comissão de Trabalho, Administração e Serviço Público). Em seu voto, o Deputado Freire Júnior (MDB-TO) agarra-se a o Vertebe nº 01 da Súmula de Jurisprudência, do Regimento Interno da Câmara dos Deputados, de 26 de setembro de 2001:

O exercício de profissões subordina-se aos comandos constitucionais dos arts. 5º, inciso XIII e 170, parágrafo único, que estabelecem o princípio da liberdade de exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão. A regulamentação legislativa só é aceitável, uma vez atendidos, cumulativamente, os seguintes requisitos:

- a) que a atividade exija conhecimentos teóricos e técnicos; b) que seja exercida por profissionais de curso reconhecido pelo Ministério da Educação e do

Desporto, quando for o caso; c) que o exercício da profissão possa trazer riscos de dano social no tocante à saúde, ao bem-estar, à liberdade, à educação, ao patrimônio e à segurança da coletividade ou dos cidadãos individualmente; d) que não proponha a reserva de mercado para um segmento em detrimento de outras profissões com formação idêntica ou equivalente; e) que haja a garantia de fiscalização do exercício profissional; f) que se estabeleçam os deveres e as responsabilidades pelo exercício profissional e, g) que a regulamentação seja considerada de interesse social.

A partir desse voto, todos os PLs futuros vão esbarrar nesse dispositivo como justificativa fácil para a rejeição. Importa destacar que, ao mesmo tempo em que utilizam esse argumento contrário à regulamentação da Decoração, outras profissões sem potencial danos à sociedade passam a ser regulamentadas no decorrer dos anos seguintes. E segue o voto:

Ao observamos os critérios constantes do verbete da súmula de jurisprudência, é forçoso admitirmos que a profissão de Decorador não se enquadra naquelas cujo exercício exija regulamentação. (...) A falta de regulamentação, porém, não impede que milhões de trabalhadores exerçam suas atividades. Pelo contrário, possibilita a quem tenha qualificação exercer as mais variadas atividades sem os impedimentos que a lei certamente traria.

Ou seja, havia um profundo desconhecimento por parte dos parlamentares sobre o que era a profissão aqui no Brasil ou no exterior.

Toda a documentação (dossiê) sobre o andamento desse PL pode ser acessada nesse link: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarIntegra?codteor=1128819&filename=Dossie+-PL+4296/1998

PL 5712/2001	
Autoria:	Senado Federal - Arlindo Porta - PTB/MG
Iniciativa:	Não consta.
Ementa:	Regulamenta o exercício da profissão de Decorador e dá outras providências.
Relatório de tramitação:	http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=36043
Argumentação:	Voto em separado do deputado Regis de Oliveira

Para mim, esse foi o PL mais perfeito que já tramitou no Congresso Nacional por vários motivos. Entre eles posso destacar as atribuições amplas e conscientes sobre a realidade das competências e habilidades dos profissionais habilitados.

Assim como os anteriores, esse PL iniciava indicando quem poderia exercer a profissão, porém, de forma mais específica e buscando a não reserva de mercado conforme indicado anteriormente. Dessa forma, poderiam exercer a profissão os/as:

“diplomados em Decoração nos estabelecimentos de ensino superior; diplomados em curso similar no exterior, após a revalidação e registro do diploma; possuidores de outros cursos superiores em áreas afins desde que venham exercendo, comprovada e ininterruptamente, à data da publicação desta Lei, as atividades de decorador por, pelo menos, dois anos; daqueles que tendo concluído o ensino médio, venham exercendo, comprovada e efetivamente, à data da publicação desta Lei, as atividades de decorador, por um período mínimo de cinco anos”.

Como atribuições definidas no PL, foram divididas em atividades específicas do decorador e competências desses profissionais. Nas atividades específicas (Art. 3º) constam:

I — elaborar projetos de decoração de interiores e exteriores e responsabilizar-se por eles; II — elaborar projetos de mobiliário e objetos de decoração de interiores e exteriores e responsabilizar-se por eles; III — promover eventos relacionados com a decoração de interiores e exteriores; IV — fornecer consultoria técnica referente à decoração de interiores e exteriores; V — desempenhar cargos e funções em entidades privadas relacionadas com a Decoração; VI — exercer ensino e fazer pesquisa, experimentação e ensaios; VII — dirigir obras e serviços técnicos de Decoração; VIII — fazer produção técnica especializada.

Já nas competências (Art. 4º):

I — alteração de forro e piso por meio de rebaixamento ou elevações; II - especificação de material de revestimento, aplicação e troca dele; III — especificação, montagem, reparo, substituição e manutenção de mobiliários e equipamentos; IV — planejamento hidráulico, luminotécnico, telefônico, de ar-condicionado e de gás; V — desenho e detalhamento de móveis; VI — criação de elementos avulsos para complementação do projeto; VII — paisagismo; VIII — planejamento e interferências de espaços preexistentes internos e externos, alterações não estruturais, circulações, abertura e fechamento de vãos; IX — especificação e disposição do mobiliário, conforme planta.

§ 1º Na execução do projeto, o decorador deverá prestar assessoria técnica, exercendo as seguintes atividades:

I — coleta de dados de natureza técnica; II — desenho de detalhes e sua representação gráfica; III — elaboração de orçamento de materiais, equipamentos, instalações e mão de obra; IV — elaboração de cronograma de trabalho, com observância de normas técnicas e de segurança; V — fiscalização, orientação, acompanhamento e coordenação do projeto nas instalações, montagens, reparos e manutenção; VI — assessoramento técnico na compra e na utilização de materiais móveis, adornos e objetos de arte; VII — responsabilidade pela execução de projetos compatíveis com a respectiva formação e competência profissional; VIII — condução da execução técnica dos trabalhos de sua especialidade.

§ 2º Na execução do disposto nos incisos I, IV e VIII do caput deste artigo, o decorador deverá ter o acompanhamento de técnico especializado.

E, por fim, um único artigo versando sobre Direitos Autorais e responsabilidade sem, contudo, engessar as alterações futuras por terceiros como acontece na Arquitetura – de forma ilegal, diga-se de passagem:

Art. 5º O projeto de decoração é de autoria exclusiva do decorador, que o assina, e de sua inteira responsabilidade, quando o executa.

Percebe-se que esse é um texto bastante condizente com as habilidades, competências e conhecimentos desses profissionais àquela época. Importa ressaltar o § 2º acima onde já se previa a necessidade de acompanhamento de um profissional habilitado para alterações estruturais necessárias ao projeto. E aqui reforço: quem realmente entende de estruturas são os engenheiros civis.

Não há, portanto, pontas soltas que abrissem brechas para a rejeição do mesmo pelo Congresso Nacional. No entanto, durante a sua tramitação outros PLs foram apensados a ele (como o PL nº 6.460, de 2002, do Deputado José Carlos Coutinho - PFL/RJ), com texto bastante duvidoso. Apensam-se (ou ajuntam-se) PLs com teor similar – é uma prática comum no Congresso Nacional para evitar o acúmulo de projetos e propostas repetitivas e, em alguns casos, contraditórias com a finalidade de eliminar as discrepâncias e ajustar os textos.

Devo lembrar que esse PL teve a sua origem no Senado Federal, já aprovado e com parecer bastante sólido da Comissão de Assuntos Sociais favorável, elaborado pela Senadora Emília Fernandes.

Na Câmara dos Deputados foi encaminhado à CTASP (Comissão de Trabalho, Administração e Serviço Público) sendo designada relatora a Deputada Nair

Xavier Lobo (PMDB – GO). Inicialmente a deputada votou pela aprovação com o PL 6460 apensado. No entanto, ele foi devolvido pois delimitava o exercício da profissão aos diplomados em curso superior em decoração e, também, imporia exigência da contratação de profissionais graduados por empresas prestadoras de serviços de decoração - o que gerava, segundo os deputados, reserva de mercado, que é inconstitucional. Mas não vemos isso em outras profissões regulamentadas: a contratação de profissionais habilitados nelas é obrigatória. Você não vê um bioquímico contratado como arquiteto.

Vale ressaltar aqui parte do voto da Senadora Emilia Fernandes, reproduzido no voto da Deputada Nair Xavier Lobo, que foi fundamental para apoiar a decisão da CATSP:

“Não é demais lembrar que o trabalho profissional do decorador está também intimamente ligado à saúde e à segurança da população. O exercício por pessoas não qualificadas, sem conhecimento técnico de ergonomia, de iluminação e de outros aspectos relativos à segurança, pode acarretar danos irreparáveis à saúde do usuário. O profissional está apto a executar projetos especiais e específicos para pessoas deficientes e idosos e realizar projetos que visam

à preservação do meio ambiente, tais como áreas externas, jardins etc. A falta de conhecimento técnico na especificação do mobiliário adequado às suas funções ocasiona vários problemas de saúde, tais como LER – Lesões por Esforço Repetitivo, tendinite, problemas na coluna, entre outros. A falta de conhecimento técnico na especificação da iluminação adequada pode ocasionar problema de visão, ofuscamento, superexposição, irradiação etc.

O uso incorreto da cor pode alterar o humor do usuário provocando irritabilidade, depressão, stress etc.”

“*Essa parte transcrita do parecer do Senado Federal é importante para desfazer um equívoco comum quanto às atribuições dos decoradores, pois a maioria das pessoas acredita que a eles compete apenas escolher móveis ou designar o tipo de tecido ou de cortina mais apropriado para um determinado ambiente, o que não condiz com a realidade*”, diz a Deputada na sequência. Percebiam que aqui há a primeira tentativa de convencimento dos demais parlamentares sobre a confusão – causada por mero desconhecimento – sobre o que é, o que faz e a importância da profissão, dos profissionais e da formação acadêmica específica.

Em seguida, baseado nesses fatos, a deputada contesta aquela Súmula já citada anteriormente que dita quais profissões podem ou não ser regulamenta-

das:

Os aspectos relativos à exigência de conhecimentos teóricos e técnicos e a possibilidade de que o exercício da profissão possa trazer riscos à coletividade estão plenamente atendidos, conforme ficou demonstrado na transcrição acima, caracterizando o seu interesse social.

Quanto ao requisito de que haja curso reconhecido pelo Ministério da Educação, já são inúmeras as faculdades graduando profissionais de nível superior em decoração.

Tampouco verifica-se uma reserva de mercado, pois consta do projeto um dispositivo determinando que, quando houver necessidade, o decorador deverá ter o acompanhamento de técnico especializado. (...)

E segue apresentando uma pequena discordância ao relatório do Senado Federal alegando que

Aliás, com relação a esse aspecto, temos uma ligeira discordância com o texto aprovado no Senado Federal. Entendemos que esse acompanhamento somente se fará necessário quando houver alterações estruturais, momento em que haverá a participação do engenheiro ou do arquiteto. Estamos apresentando emenda para corrigir essa distorção.

Logo após o voto apresentado em 20/06/2002, no dia **27/02/2003** foi devolvido por força da saída da relatora da comissão. Passou-se então a busca por novo relator que somente foi encontrado (após 3 designações, sem manifestação) no dia **27/11/2003**, sendo nomeado o Deputado Júlio Delgado (PPS - MG). **Mais de um ano para encontrar um novo relator!**

O deputado utilizou basicamente o mesmo relatório da Deputada Nair com pequenas alterações sem qualquer ônus ao PL. Em 02/12/2004 foi designado novo relator: Deputado Vicentinho (PT-SP), que também apresentou o mesmo relatório favorável sendo aprovado pela Comissão em 09/03/2005 e encaminhado para a CCJC (Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania). **De 14/04/2005 a 22/03/2007 (mais dois anos parado)** foram designados dois deputados que não se manifestaram até a designação do deputado Carlos Willian (PTC-MG) que assumiu o PL na comissão.

Em seu voto ele reforça que

Nota-se que tanto o projeto principal quanto o projeto apensado buscam afastar-se do caminho da criação de conselhos de fiscalização, atendo-se exclusi-

vamente à regulamentação da profissão de decorador. Com isto, ficam a salvo de eventual arguição de constitucionalidade por vício de iniciativa, sendo certo que nesta Comissão existem precedentes de aprovação de inúmeros projetos em iguais condições.

Observe-se que, segundo entendimento do Supremo Tribunal Federal, reiterado na Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 1.717-6, DF, ao interpretar dispositivos da Lei nº 9.649, de 27 de maio de 1998, tais conselhos têm natureza jurídica de autarquias corporativas, sendo sua criação privativa do Presidente da República, nos termos do art. 61, § 1º, inciso II, alínea e, da Constituição da República, que vale novamente destacar, não é o caso deste projeto, que visa apenas regulamentar a profissão de decorador.

Aprovado por Unanimidade na comissão, com voto em separado do Deputado Carlos Willian (PSC - SP) contrário ao PL onde ele tenta forçar o Artigo 5º da Constituição Federal alegando uma suposta reserva de mercado. Na sequência, ao que parece, ele nem se deu o trabalho de ler os relatórios anteriores – incluindo o do Senado – ao insistir que a profissão não oferece riscos aos usuários e a não existência de um órgão fiscalizador definido ou criado para esse fim.

Em 08/08/2007 o PL foi ao plenário e recebeu um recurso contrário do Deputado Renato Amary (PSDB - SP) sob a alegação de que

Nesse sentido, a proposição estabelece restrição aos que podem exercer a profissão, não incluindo, todavia, os técnicos em decoração entre os habilitados a exercê-la.

Entendemos que tal inclusão se faz necessária, por serem tais profissionais reconhecidamente capazes para exercer a profissão de decorador. Requer então que ele seja submetido ao plenário para apresentação de emendas.

Em 07/11/2013 o Deputado Zezéu Ribeiro (PT-BA) apresenta requerimento para a tramitação conjunta dos Projetos de Lei nº 4.692, de 2012 e 5.712, de 2001. O requerimento foi rejeitado pois o 5712 já tinha sido aprovado nas comissões e o 4692 era recém protocolado na primeira comissão, a CTASP. Note que o 4.692 é o PL que virá a ser a nossa Lei 13.369/2016.

Em 24/06/2015 a mesa diretora encaminhou o PL para a CCJC para que fosse feita a redação final do texto, tendo sido designado o deputado Valtenir Pereira (PROS - MT), que foi aprovada em 30/06/2015 e encaminhada à mesa diretora da Câmara dos Deputados. Foi então encaminhada em 08/07/2015 ao Senado Federal para os trâmites finais. **Encaminhado à sanção presidencial**

ocorre o veto integral da presidente Dilma Rousseff (PT) em 29/07/15:

N 289, de 28 de julho de 2015.

Senhor Presidente do Senado Federal,

Comunico a Vossa Excelência que, nos termos do § 1º do art. 66 da Constituição, decidi vetar integralmente, por inconstitucionalidade, o Projeto de Lei n. 5.712, de 2001 (n. 64/01 no Senado Federal), que “Regulamenta o exercício da profissão de decorador e dá outras providências”.

Ouvidos, os Ministérios da Justiça, da Fazenda, do Planejamento, Orçamento e Gestão, do Trabalho e Emprego, da Educação, a Secretaria-Geral da Presidência da República e a Advocacia-Geral da União manifestaram-se pelo veto ao projeto pelas seguintes razões:

“A Constituição Federal, em seu art. 5º, inciso XIII, assegura o livre exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, cabendo a imposição de restrições apenas quando houver a possibilidade de ocorrer dano à sociedade.”

Essas, Senhor Presidente, as razões que me levaram a vetar o projeto em causa, as quais ora submeto à elevada apreciação dos Senhores Membros do

Congresso Nacional.

(DOU de 29/07/15 PÁG 02 COL 03.).

Apesar de toda a argumentação elencada e justificada nos pareceres, a então presidente Dilma Rousseff insiste no discurso de “livre exercício profissional” que já havia sido desmontado e esclarecido no relatório da CCJ.

Com o PL retornando ao Congresso Nacional, **o veto foi mantido pelos parlamentares. Interessante notar que os mesmos parlamentares que aprovaram com larga folga esse PL nas comissões e nos plenários da Câmara e do Senado simplesmente calaram-se e mantiveram o veto no dia 24/09/2015 levando então o PL ao arquivamento definitivo.**

No mínimo estranho isso. Muito estranho.

Não há mais documentos disponíveis sobre o que levou ou quais movimentos e interesses escusos levaram à manutenção desse veto irregular. Ou seja: resta saber porque abandonaram um PL já pronto e aprovado que foi apoiado apenas por alguns profissionais e acadêmicos.

Outros PLs que tramitaram mas que, por não serem relevantes deixarei a análise fora desse texto:

PL 6460/2002	
Autor:	José Carlos Coutinho - PFL/RJ.
Iniciativa:	Não consta.
Ementa:	Estabelece o exercício da profissão de Decorador e dá outras providências.
Relatório de tramitação:	http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=47917
Argumentação:	INCONSTITUCIONAL – RESERVA DE MERCADO. APENSADO AO PL 5712/2002.

PL 4625/2008	
Autor:	Tadeu Filippelli - PMDB/DF
Iniciativa:	Não consta.
Ementa:	Dispõe sobre a regulamentação da profissão de designer de interiores.
Relatório de tramitação:	http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=421150
Argumentação:	INCONSTITUCIONAL – RESERVA DE MERCADO.

PL 4465/2012	
Autor:	Ricardo Izar - PSD/SP
Iniciativa:	ABO
Ementa:	Dispõe sobre a regulamentação e o exercício da profissão de designer de interiores e dá outras providências.
Relatório de tramitação:	http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=556135
Argumentação:	Arquivado por solicitação do autor.

Com fulcro no art. 104, do Regimento Interno da Câmara dos Deputados, venho respeitosamente requerer à Vossa Excelência a retirada de tramitação do Projeto de Lei nº 4465, de 2012, de minha autoria que dispõe sobre a regulamentação e o exercício da profissão de designer de interiores."

Sala das Comissões, 30 de outubro de 2012

Ricardo Izar

Deputado Federal – PSD/SP

Esse PL foi arquivado por solicitação do autor pois havia um erro no texto registrado. É basicamente o texto do PL 4692, com as devidas correções.

Na próxima coluna versarei especificamente sobre o **PL 4692/2012 que se transformou em nossa Lei 13.369/2016** trazendo à luz movimentos que trabalharam contra e atrasaram tanto a tramitação dele. Também versarei sobre outro PL, de 1995, que tinha uma pegada social bastante interessante e que, infelizmente, foi arquivado e esquecido.

Referências:

Regimento Interno da Câmara dos Deputados. Disponível em <http://image.camara.gov.br/dc_20.asp?selCodColecãoCsv=D&DataIn=22/09/1989&txpagina=3&altura=700&largura=800&txsuplemento=1#/> Acessado em 10/05/2022.

DOU de 29/07/15 PÁG 02 COL 03. <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/96723436/dou-secao-1-29-07-2015-pg-2>>



Expografia. Fonte: Pexels.

NOSSA HISTÓRIA

Denise Alonge
[@denise.alongeworks](https://www.instagram.com/denise.alongeworks/)



Rafael Rodrigues
[@prof.rafaelrm](https://www.instagram.com/prof.rafaelrm)

GIULIO ROSSO: DESIGNER DE INTERIORES.

Em dezembro de 2016 recebemos uma ligação do nosso amigo e arquiteto Edoardo Rosso, que nos informou: “*ontem, o Brasil finalmente reconheceu a profissão do meu pai, Giulio Rosso (1897-1976), artista que atuou como designer de interiores para os principais arquitetos italianos no início do século 20 e atuou em solo brasileiro desde a década de 1940*”. Além do susto ao percebermos a pouca valorização do design em geral em solo brasileiro, proporcionando um vácuo histórico de quase 100 anos, constatamos que pouco sabemos dos nossos designers e da história do design de interiores no Brasil. E, obviamente, a história do design de interiores no Brasil não começou em 2016, mas enfim saiu da sombra de outros.

Neste período éramos atuantes em palestras sobre designers importantes mas pouco lembrados, como por exemplo Charlotte Perriand (1903-1999), Lilly Reich (1885-1947), George Nideken (1871-1945) e Charles Mackintosh (1868-1928) que durante anos ficaram à sombra de nomes como le Corbusier (1897-1965), Mies van der Rohe (1886-1969) e Frank Lloyd Wright (1867-1959)¹. Então, descobrimos Giulio Rosso. Foi uma agradável surpresa. E desde então, almejávamos esta breve investigação, apresentada aqui.

Em 2021, seu acervo técnico esteve exposto na Casa Modernista, local projetada e construída pelo arquiteto Gregori Warchavchik (1896-1972), de quem Rosso foi colega no escritório do arquiteto Marcello Piacentini (1881-1960). Seu primeiro trabalho de interiores com este arquiteto foi a estação da ferrovia Roma-Ostia (1922), seguida de outros trabalhos, como a taverna do Teatro Savoia em Florença (1922), Villa Piacentini em Genzano (1922) e o Teatro Quirinetta, em Roma(1927). Realizou o piso de mosaico preto e branco do Foro Mussolini (1938) e estava envolvido em vários projetos para a E42 - Exposição Universal

¹ Ressalta-se que a formação de nenhum deles é específica em Arquitetura. Le Corbusier é artista plástico, Mies era um técnico de construção e Wright não se formou em Engenharia. Embora todos sejam considerados arquitetos.

de Roma de 1942 – que não foram realizados devido à eclosão da Segunda Guerra Mundial.

Além de Piacentini, participou de obras de arquitetos como Vittorio Morpurgo, Melchiorre Bega, Ernesto Puppo, Paniconi e Pediconi, Luigi Moretti, Giovanni Michelucci e Giuseppe Pagano (FORME MODERNE, 2010, p.10-16). Seu trabalho foi destaque nas Revistas Domus, Almanacco degli Artisti, Emporium e La Casa Bella. Embora seu posicionamento pessoal fosse apolítico, os grandes trabalhos eram patrocinados pelo regime político de Mussolini e nos anos finais da Guerra, Rosso procurou mudar-se da Itália e desejava estabelecer-se na América do Sul com sua família. Conforme Fiore (2017, p.215), o designer desejava mudar-se motivado pela necessidade de encontrar novas oportunidades de trabalho, bem como pela crescente preocupação de que outro conflito pudesse envolver seu filho pequeno, Edoardo Rosso. Em 1945, Giulio trabalhou para o empresário Osvaldo Riso, no Rio de Janeiro e para a família Matarazzo, em São Paulo. E em 1946, o designer trouxe os mosaicos que ele desenhou para o Edifício Matarazzo, em São Paulo. Segundo Fiore (2017, p.218), Graças ao apoio dos Matarazzo: “...Rosso voltou a ser um designer de interiores requisitado pela alta burguesia empreendedora de São Paulo”. Em 1947, Giulio traz para o Brasil os demais membros da família.

Segue texto do Arquiteto Edoardo Rosso, sobre sua jornada ao Brasil, escrito em 2017, na ocasião dos 70 anos de sua chegada. O importante relato demonstra curiosidades como a primeira vez em conhecer uma ave exótica, como o Urubu, o relato ao ver o Cristo Redentor e o testemunho da mudança definitiva de Giulio ao Brasil a partir de 1946, meses depois do fim da Segunda Grande Guerra e da queda de Mussolini.



Imagen 1: Foto A – Liliana, esposa de Giulio, seu filho Edoardo e o cunhado Francesco.
Foto B – Giulio Rosso na doca do porto do Rio de Janeiro. Acervo: Edoardo Rosso.

Faz agora 70 anos desde a minha chegada ao Brasil, quando desembarquei em Santos, a 23 de janeiro de 1947.

Era eu, minha mãe e tio Francesco, meu amado "irmão" mais velho.

Ao aterrizar fomos apanhados por uma chuva tropical torrencial, nunca vista.

Não fomos a São Paulo no mesmo dia. Paramos numa pensão na beira-mar "Gonzaga". Na manhã seguinte, ainda nublado, fui à praia.

A areia era cinzenta, dura, batida pela chuva forte e cheia de uma cunha de "Urubus". Os "Urubus" são enormes pássaros negros que, quando no céu, voam a alta altitude, deslizando como raros abas de asas, são muito bonitos. Mas no chão são horríveis.

Suas cabeças estão cobertas com uma peruca preta, semelhante à usada nos Tribunais Ingleses.

Eles mantêm as suas asas ligeiramente abertas para o equilíbrio enquanto cingem quente para comida entre os destroços, animais mortos ou peixes e conchas deixadas na praia por um mar turbulento.

Talvez eu tenha pensado: onde eu cheguei!!

Aí no trem de troleira subimos para São Paulo até chegarmos na casa que meu pai tinha alugado.

A viagem, começando de Génova, com o navio italiano, com o seu nome "Argentina", de Bandeira Panameña, durou cerca de 13 dias, absolutamente pacífico. O navio parou em Tenerife, onde descemos para comprar muitas bananas que rapidamente amadureceram no nosso caminho.

A parada no Rio de Janeiro, onde não descemos, foi emocionada porque chegamos bem de madrugada e, ainda no escuro, apareceu a imagem do Cristo iluminado, pendurada no ar.

Aí, pouco a pouco, foram delineados todos esses perfis e cenas que fazem do Rio uma cidade única no mundo, maravilhosa.

A outra emoção foi ver meu pai (GIULIO ROSSO) novamente na doca. Ele veio nos ver (de longe). Chegou ao Brasil em junho de 1946, naquela época trabalhava no Rio de Janeiro, na "Villa Riso", na "Gávea". Villa e Park estão abertos para visitas públicas hoje.

E assim estou aqui há 70 anos. Eu tenho uma longa história, na verdade duas; uma italiana e uma brasileira.

O painel no Edifício Matarazzo

Esta importante edificação projetada pelo Escritório Severo & Villares e remodelado por Marcello Piacentini, ao estilo do Racionalismo Italiano, abrigou a sede das Indústrias Matarazzo de 1939 a 1972, foi adquirido pelo Banespa em 1974 e em 2004 tornou-se a sede da Prefeitura de São Paulo.

Giulio foi bem mais que um designer de interiores, foi importante artista plástico, pintor e desenhista. E soube mesclar suas habilidades nos trabalhos colaborativos com os arquitetos italianos. Ele iniciou seus estudos para o painel do Edifício Matarazzo em 1938. O mosaico veneziano foi executado em 1939 pelo Studio Mosaici-Padoan, que já havia executado outras obras de Giulio, na Itália. Por causa da Segunda Grande Guerra o mosaico não pode ser transportado ao Brasil até 1946.



Imagen 2: Esboços de Giulio Rosso para o painel do Edifício Matarazzo. Acervo: Antonio David Fiore.

O mosaico encontra-se no saguão principal do edifício e mostra paisagens tipicamente brasileiras, de acordo com cada região demarcada. Também apresenta destaque ao edifício Matarazzo em São Paulo, além de apresentar a localização de Brasília anos antes de sua execução, provavelmente a partir de documentos que indicavam a futura capital. Estes apontamentos demonstram que houve cuidadoso estudo iconográfico e documental para a criação do painel.

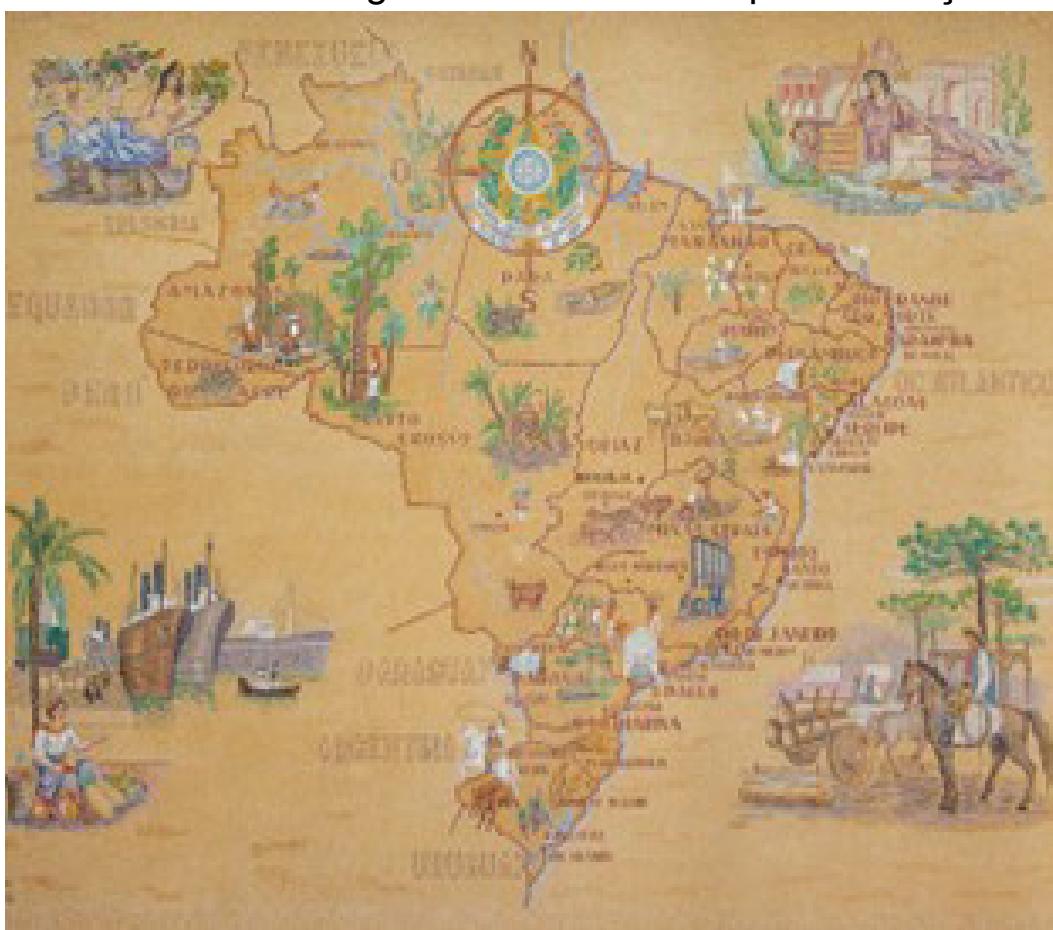


Imagen 3: Painel do saguão principal do edifício Matarazzo, atual sede da prefeitura de São Paulo.

CINE TRIANON: estudo de caso da atuação em Design de Interiores de Giulio Rosso, no Brasil.

Segundo o Arquiteto Edoardo Rosso, filho de Giulio Rosso, o Cine Trianon, atual Cine Belas Artes, foi um edifício de propriedade de Philippe Azer Maluf e executado pela Construtora Alfredo Matias, na rua da Consolação e inaugurado em 14 de julho de 1956. O design de Interiores e o desenho de fachada foi projeto de Giulio Rosso e contou com a colaboração de Edoardo e de Rodolfo de Almeida Fernandes na elaboração de detalhes executivos, quando ainda eram alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo da FAU-USP.



Imagen 4: Fachada Principal do Trianon. Fonte: Revista Acrópole nº 215, ano 18, 1956.

O trabalho de Giulio foi publicado, em 1956, na Revista Acrópole, uma importante revista de arquitetura, onde sua autoria pode ser confirmada. A revista destaca o design da fachada modernista e a proposta de interiores que apresentam seu vanguardismo das linhas geométricas, cuidado com o tratamento acústico e lumínico, gerando um espaço moderno e inovador.



Imagen 5: Ambientação Interna do Foyer. Fonte: Revista Acópole nº 215, ano 18, 1956.

Infelizmente a atual edificação foi descaracterizada por várias reformas consecutivas, perdendo o esplendor desta época dourada, onde um designer de interiores italiano contribuiu com o design de interiores, no Brasil.



Imagen 6: Vista da plateia e balcão onde ressalta-se o trabalho acústico e lumínico.
Acervo: Alessandra Labate Rosso.

Em seus anos no Brasil, Giulio Rosso realizou trabalhos para a sociedade paulista e carioca, como artista plástico e designer de interiores. Durante os primeiros anos profissionais de Edoardo Rosso e seu sócio Yoshimasa Kimachi, colaborou com espaços de interiores aos projetos arquitetônicos deste escritório.

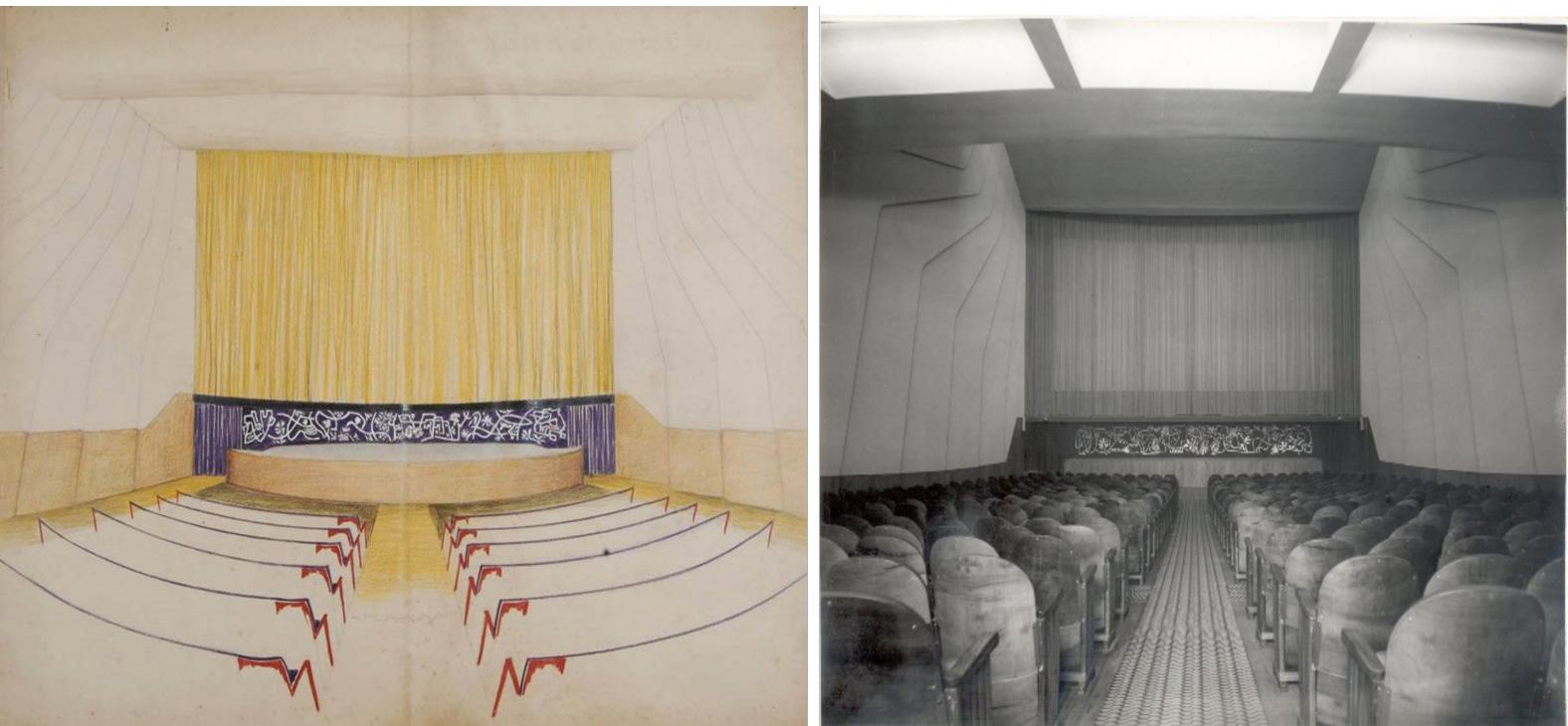


Imagen 7: Quadro comparativo entre croqui de criação e execução. Acervo: Alessandra Labate Rosso.

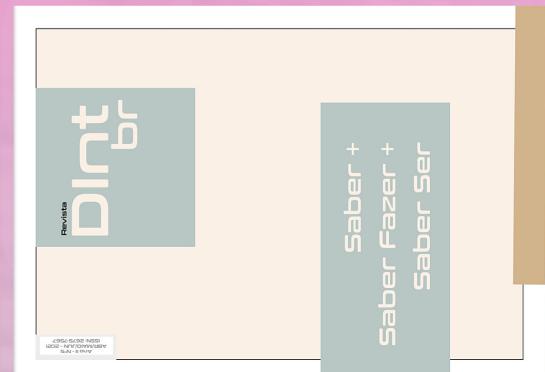
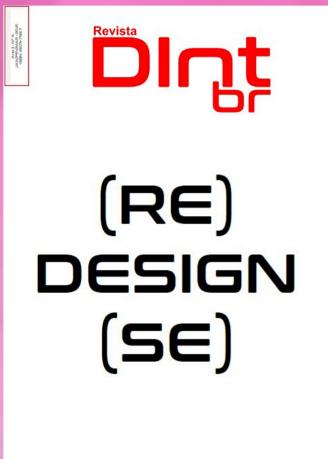
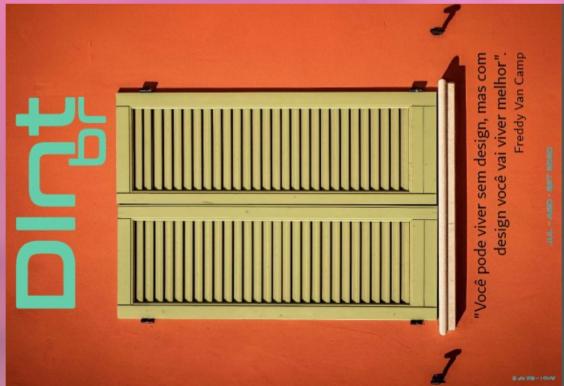
Considerações

O designer de interiores Giulio Rosso, importante artista e designer do racionalismo italiano, colaborador de grandes arquitetos italianos, contribuiu para a disseminação e desenvolvimento da profissão de design de interiores no Brasil. Sua obra, assim como de outros designers, deve ser investigadas afim de valorizar a produção brasileira e tirar do obscurantismo e da ignorância alheia o real valor deste profissionais tão importantes aos espaços arquitetônicos.

Referências Bibliográficas

- FOIRE, Antonio David (2017). ‘In defence of the decorator’ : Giulio Rosso (1897-1976) in Italy in the interwar period. PhD thesis. The Open University.
- REVISTA ACRÓPOLE. **Cine Trianon**. São Paulo, n.215, p. 448-449, agosto. 1956.
- REVISTA FORME MODERNE. **Giulio Rosso: um protagonista dimenticato delle arti decorative degli anni venti-trenta**. Florença , n. 5, p. 9-16, 2010

@DESIGNDEINTERIORESBR



A C E S S E
N O S S A S
E D I Ç Õ E S
A N T E R I O R E S

Bibliografia Indicada



Metaprojeto: o Design do Design.

Dijon De Moraes

Metaprojeto é um espaço de reflexão disciplinar e de elaboração dos conteúdos da cultura do projeto. Esta obra nasce da necessidade de uma plataforma de conhecimentos que sustente e oriente a atividade de design em um cenário fluido e em constante mutação. Pelo seu caráter dinâmico, o metaprojeto desponta como um modelo que considera todas as hipóteses possíveis dentro da potencialidade do design, mas que não produz outros como modelo projetual único e soluções técnicas preestabelecidas. O metaprojeto, como observado neste livro, é uma alternativaposta ao design, contrapondo os limites da metodologia convencional, ao se colocar como etapa prévia de reflexão e suporte ao desenvolvimento do projeto em um cenário mutante e complexo. Nesse sentido, o metaprojeto, enquanto metodologia da complexidade, pode ser considerado o projeto do projeto, ou melhor, o design do design.

ISBN: 8521205163

Páginas: 256

Formato: 25.2 x 20.2 cm

Ano de Publicação: 2010

Editora Blucher



A Alma da Casa.

Jane Alexander

O tipo de casa em que moramos, o estilo de nossa mobília e as cores que usamos na decoração, tudo isso revela nossa personalidade, nosso gosto, nossos valores e interesses. “A Alma da Casa”, de Jane Alexander é um guia prático com conselhos simples para que cada leitor possa tirar o que de melhor sua casa pode dar em termos de bem-estar - seja ela uma mansão vitoriana, um apartamento comum, ou até mesmo uma simples quitinete. O livro parte do princípio de que, não importa a localização ou o tamanho, o lar deve ser um refúgio. Segundo a autora, os povos ancestrais honravam a casa como um espaço sagrado, que garantia a seus moradores segurança e paz. Neste livro, ela ensina como recapturar essa idéia e descobrir os espíritos que habitam nossas casas, transformando-as em santuários que irão permitir que o corpo se refaça, a mente se acalme e a alma se alegre. Em “A Alma da Casa”, Jane Alexander divide suas próprias experiências nas diversas casas que teve ao longo da vida, apresenta teorias psicanalíticas sobre o importante papel da casa na vida do ser humano e, em um segundo momento, orienta o leitor em rituais práticos para conhecer seu próprio lar. Através do uso das técnicas do feng-shui; de rituais de arrumação e limpeza; do uso das cores, sons e texturas, o livro apresenta ao leitor uma nova maneira de lidar com sua casa, transformando-a em aliada para uma vida equilibrada - física, mental e espiritualmente.

ISBN: 8528608220

Páginas: 364

Formato: 22.4 x 15.2 cm

Ano de Publicação: 2001

Editora Bertrand



Design. Quando Todos Fazem Design.

Ezio Manzini

Tradução do inglês. Num mundo em constante transformação todos fazem design: seja individual ou coletivamente, em empreendimentos ou instituições, em pequenas comunidades ou cidades e regiões, as pessoas devem definir e aprimorar um projeto de vida. Às vezes esses projetos geram soluções sem precedentes; outras vezes convergem para objetivos comuns e concretizam mudanças mais amplas. Como descreve Ezio Manzini neste livro, temos testemunhado uma onda de inovações sociais conforme essas mudanças desabrocham - um processo de codesign aberto e extenso no qual novas soluções são sugeridas e novos significados são criados. Manzini estabelece uma distinção entre design difuso, realizado por qualquer pessoa, e design especializado, realizado por pessoas com formação em design, e descreve como interagem. Ele mapeia o que especialistas em design podem fazer para desencadear e dar suporte a mudanças sociais significativas, com o foco em formas de colaboração que estão surgindo.

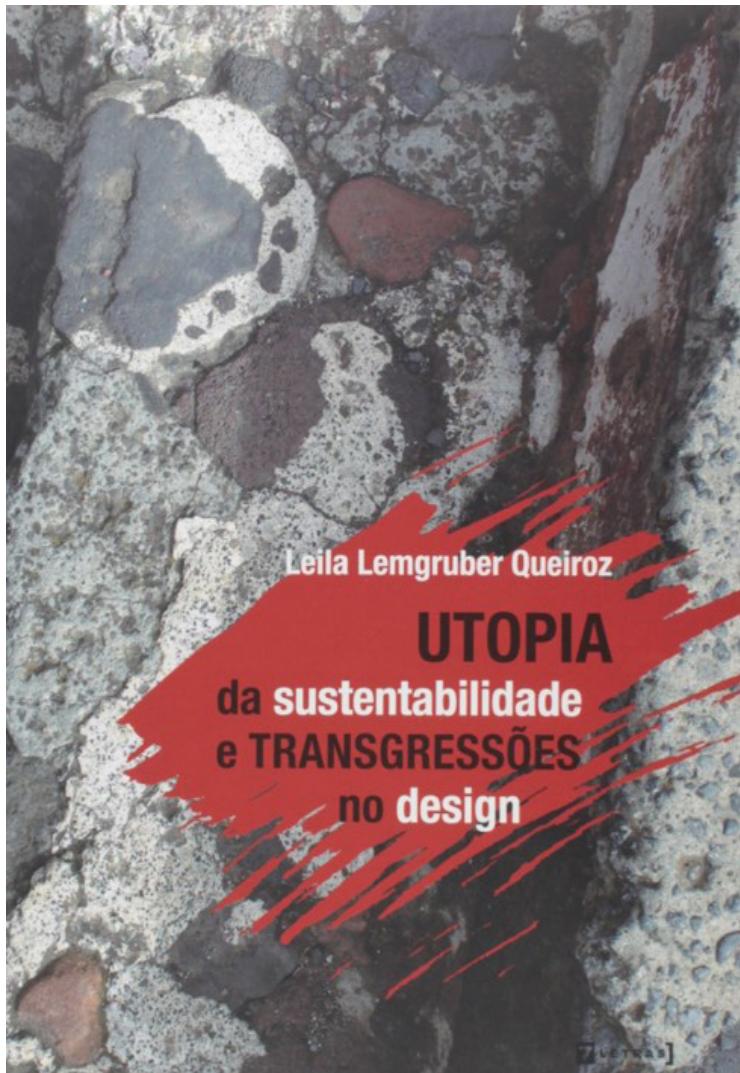
ISBN: 8574317861

Páginas: 254

Formato: 22 x 15.2 cm

Ano de Publicação: 2017

Editora Unisinos



Utopia da Sustentabilidade e Transgressões no Design.

Leila Lemgruber Queiroz

O surgimento do conceito de sustentabilidade e a sua importância para o pensamento e o mundo material contemporâneo é o mote para Utopia da sustentabilidade e transgressões no design. Nesta obra a pesquisadora em Gestão de sustentabilidade Leila Lemgruber Queiroz reflete como o tema atravessa as questões sociais, econômicas, culturais e ambientais. O mito da sustentabilidade na hipermodernidade; a construção do cenário da sustentabilidade – incluindo a utopia da sustentabilidade e o mal-estar na globalização são algumas questões exploradas com afinco nesta obra. Refletindo sobre o universo das mercadorias em que vivemos, a autora aponta a importância de se pensar a reconfiguração do sujeito, do design, dos processos. E também indica a relevância de se criar um ponto transgressor face às questões que cercam a insustentabilidade na hipermodernidade em que vivemos. Conduzido pelas reflexões da autora, o leitor é convidado a revisitar modelos utópicos societários e espaços de movimentos transgressores do design. Página a página, Leila nos alerta para necessidade premente, na nossa sociedade, de visar – mesmo a princípio utopicamente – sistemas sustentáveis, que sejam parte integrante de modelos socioambientais e contribuam para uma maior qualidade de vida para todos.

ISBN: 8542103068

Número de páginas: 216

Formato: 22.6 x 15cm

Ano de publicação: 2014

Editora 7 Letras

CHAMADA PARA TRABALHOS
COLUNA

PRODUÇÃO ACADÊMICA

É uma coluna destinada a professores e estudantes dos cursos de graduação e pós-graduação em Design de Interiores.

Nesse espaço você poderá apresentar resumos de suas pesquisas em andamento ou finalizadas, relatórios finais de projetos de extensão, resumos de TCC/TFG, e demais documentos formais relacionados ao ensino e prática acadêmica.

Os textos devem ter no máximo 5 laudas, seguir as normas da ABNT e serem encaminhados em .DOC para o e-mail
conselhoeditorial@revistadintbr.com.br

Participe!



Interior Design in blue tones. Fonte: Freepik.



DESIGN DE INTERIORES EM HABITAÇÕES DE INTERESSE SOCIAL?

O design de interiores, ao trabalhar com o briefing do cliente, busca traduzir seus costumes e gostos, em forma de objetos e móveis, ou seja, produz os significados de uma vida, em uma peça. Mais uma vez percebe-se a importância do entendimento, projeção e posterior produção de um projeto de design, de apenas um objeto, ou de um conjunto deles, o que se pode denominar de design de ambientes, ou design de interiores.

O nível de satisfação de um indivíduo dentro de um espaço, caracteriza o conforto ambiental. Dessa forma, um espaço com qualidades ergonômicas, boas condições acústicas, térmicas e visuais, permitindo realizar atividades habituais, de lazer ou trabalho, pode ser sentido e percebido por quem o usa. É o sistema sensorial que determina o conforto ambiental em dado espaço, assim, a adequação de um ambiente envolve as condições físicas do espaço, junto às condições psicológicas de um indivíduo, o que torna o espaço percebido de formas diferentes por cada pessoa.

Castells (2008) destaca que a identidade pode ser definida como fonte de experiências de um povo, sendo a soma de seus atributos culturais, e como toda e qualquer identidade é construída, pode haver múltiplas identidades. O conjunto de pessoas que dividem o mesmo espaço, regido por normas e princípios, construindo sua identidade, um apoiando os problemas do outro, trazendo confiança em sua totalidade, sugere a ideia de comunidade. É o que acontece nos núcleos de habitação de interesse social: um grupo identitário passa a dividir um espaço em comunidade.

A busca pela materialização das características do povo de uma determinada comunidade, carregados de sua cultura e identidade próprias, dependem do design, que será o responsável por traduzir esses conceitos em forma de lar, ou seja, o design de interiores. De acordo com Cianciardi (2010), a casa, por si só, não é um lar, é um objeto arquitetônico inanimado, destinado ao abrigo do

ser humano, que após um processo etológico de domínio territorial, transforma esse espaço em lar. Ou seja, a casa faz referência à construção física (tijolos e cimento), enquanto o lar é permeado de valores e princípios, onde os indivíduos apropriam-se do espaço, buscando aconchego.

O design de interiores participa do processo de melhoria da qualidade de vida das pessoas. A decoração faz parte da apropriação espacial, pois, com a composição interna, é possível conferir sentidos a um lugar, tornando-o mais significativo. Assim, o lar reflete o modo de vida de seus ocupantes, suas características e personalidade. Sabe-se que a história da vida das pessoas está escrita em seu lar, isto é, a escolha do estilo, cores e mobiliário oferece as pistas, sendo possível traçar a personalidade dos moradores.

A melhor forma de aproveitamento dentro de um ambiente, em que o conjunto de ideias e soluções para otimizar o espaço a ser projetado, busca conforto, ergonomia, práticas sustentáveis, objetos e móveis multiuso, é utilizando o design de interiores. Ou seja, um projeto bem pensado e executado de acordo com as necessidades pendentes, visa praticidade e criatividade, integrando conforto, elegância e funcionalidade. Gurgel (2013) considera que o primeiro passo para um bom design, é a capacidade de alterar paradigmas, conceitos e preconceitos, mantendo a mente aberta a soluções desconhecidas e inovadoras. Esta autora argumenta que, assim como a música usa o som, a pintura, as tintas, e a matemática, os números, o design se materializa por intermédio da organização de elementos, como o espaço, linha, cor, luz, textura e forma.

Falando em desencadear sensações, Lima (2010), estabelece que a sensação é um fenômeno psíquico, resultante das ações de estímulos externos, afetando os órgãos dos sentidos, enquanto a percepção, é definida como a função psíquica que permite o organismo receber e elaborar as informações de seu entorno, através dos sentidos. Cada indivíduo guarda, de modo particular e único, informações de seu passado, vivências e experiências, o que determina suas percepções em relação a algo, ou alguém, e que determinará a mistura sensorial. A sinestesia significa a reunião de múltiplas sensações, ou seja, o cruzamento das sensações, mesclando sons, cheiros e imagens.

O que são as Habitações de Interesse Social (HIS)?

Com o passar dos anos, verificou-se que, não apenas as medidas e proporções do ser humano importavam à um bom projeto, mas também o conhecimento da dinâmica de movimento e comportamento humano, buscando uma melhor relação entre o espaço e o indivíduo que o utilizaria.

A habitação de interesse social (Figura 1) visa o atendimento às necessidades de moradia da população de baixa renda, sendo suas particularidades

relacionadas ao momento histórico e às características socioeconômicas, políticas e culturais do local. No entanto, apesar de sua importância para enfrentar a crise habitacional, há evidências de que essas casas não são adequadamente apoiadas por ideias sustentáveis.



Figura 1: Projeto - Habitações de Interesse Social. Fonte: Cartilha Ação Casa Pronta. Campo Grande, 2018.

Segundo o relatório de 2016 do Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos, existem 881 milhões de pessoas vivendo em favelas nas cidades dos países em desenvolvimento. A estimativa é que até 2025 será em dobro a quantidade de pessoas que necessitam de moradia adequada (MOREIRA, 2020).

Desde 2005 existe no Brasil uma Lei que dispõe sobre o Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social, com o objetivo de democratizar o acesso à terra urbanizada, habitação digna e sustentável através de políticas e programas de investimentos e subsídios. Moreira (2020) explica que a partir dessa Lei surgiu o programa Minha Casa Minha Vida, muito conhecido no contexto da HIS no Brasil.

Dentre os desafios das habitações de interesse social, está o fato de, em um espaço reduzido, aproximadamente 45 m², morarem grandes grupos familiares com distintas necessidades individuais e coletivas. Em pesquisa realizada em 2019, em uma comunidade com 100 casas, em Campo Grande – MS, 40% dos entrevistados disseram morar com 5 pessoas ou mais. Ademais, os móveis de lojas de departamento contêm medidas padronizadas, e os moradores dessas residências não tem condições financeiras para contratar um profissional para planejar seus espaços.

Entre os países há diferentes análises a respeito do assunto, e as diferenças de área construída embasam-se nas diferentes realidades de cada país.

No Brasil há um elevado déficit habitacional, a população carente vive em condições de insalubridade, tendo a necessidade de se construir as moradias em prazos menores, em grande quantidade e insólita condições financeiras, comprometendo o desempenho exigido nas normas.

O dimensionamento e o adequado posicionamento do mobiliário, assim como sua multifuncionalidade, têm importância no conforto ambiental e no uso dos ambientes de uma residência, sendo que, nas habitações de interesse social, a quantidade de espaço disponível afeta a flexibilidade de uso do ambiente. Com a oferta de HIS que apresentam metragens reduzidas, associada aos perfis dos moradores, ao valor da construção e reforma para melhorias do espaço, bem como o custo para a aquisição de mobiliário, torna-se mais complexo projetar e executar ambientes contendo todos os elementos que abarcam o design de interiores.

Intervenções nas HIS

Cada ambiente da casa deve ter dimensões apropriadas para garantir bem-estar e conforto aos moradores e ser realizada a análise do tamanho e formato de cada cômodo, o posicionamento das aberturas - portas e janelas, as áreas de circulação em cada ambiente, o mobiliário e os equipamentos necessários ao desenvolvimento das funções domésticas, além do número de moradores, visando sempre o melhor aproveitamento para promover o conforto e bem-estar mesmo que em espaço reduzido. A escolha de mobiliário adequado e proporcional aos espaços, são determinantes para a ergonomia destas residências, proporcionando espaços livres para circulação, facilitando o acesso de entrada e saída, com conforto e segurança (Figura 2).



Figura 2: Habitação de interesse social - sala mobiliada. Fonte: Arquivo Pessoal designer Luciana Jacobson Goes. Campo Grande, 2021.

Uma escolha que poderá promover conforto térmico nas HIS, com baixo custo e manutenção, é a utilização de vegetação, que servirá para momentos de lazer na área externa, proporciona áreas de descanso, embaixo de locais sombreados, sendo responsável pelo conforto nos ambientes internos, deixando a residência mais fresca (Figura 3). Importante citar também a pintura do telhado na cor branca, que reduz a temperatura da residência em até 70% e tem capacidade de reduzir em até 96% os raios UV, reflete mais de 80% dos raios solares e gera uma economia de energia elétrica em torno de 30% na edificação.



Figura 3: Projeto de Paisagismo para HIS. Fonte: Arquivo Pessoal designer Tamires Peres. Campo Grande, 2021.

Projetos habitacionais sustentáveis implicam na melhoria da qualidade de vida dos residentes mediante o uso adequado dos recursos naturais locais e uma abordagem de projeto contextual respeitando sítio, clima, características culturais e necessidades humanas, lembrando que as HIS contemplam a população menos favorecida.

Um dos mecanismos importantes a serem aplicados nas HIS, é o reaproveitamento da água, esta, essencial para a continuidade dos ciclos biológicos, geológicos e químicos, recurso natural de valor incalculável, que sustenta o equilíbrio dos ecossistemas, indispensável para o desenvolvimento humano e econômico. O reuso de água é o processo pelo qual a água, tratada ou não, é reutilizada para o mesmo ou para outros fins em uma residência, chamada de água resíduária (LEITE; PORTO, 2020).

O reuso da água pode ser classificado como indireto o direto. Para Minowa (2007), o reuso indireto acontece quando a água já utilizada, uma ou mais vezes, é descartada nas águas superficiais ou subterrâneas e reutilizada na saída, de forma dissolvida, sendo a forma mais apresentada onde a restauração do cor-

po de água é utilizada sem controle, para deteriorar os poluentes descartados com o esgoto natural. Já o reuso direto, é o uso planejado e definido do esgoto, tratado para finalidades como irrigação, industrial e humano, sendo necessária a introdução de tecnologias apropriadas de tratamento para adequação da qualidade da água.

A criação de um sistema de reaproveitamento de água nas habitações de interesse social se torna uma alternativa para a redução dos custos para os moradores em estudo, sendo esse sistema para água proveniente da chuva ou água proveniente dos efluentes. Segundo Cardoso (2010), é aconselhada a adoção de um sistema integrado de aproveitamento de água de chuva (Figura 4) e de reuso de efluentes domésticos, de forma a tornar o sistema funcional durante todo o ano, ampliando assim, seu potencial de sustentabilidade. É possível, inclusive, fazer sua própria cisterna reciclando materiais.



Figura 4: Utilização da água pluvial. Fonte: [Casa e Arquitetura](#).

No conforto acústico são diversos os fatores que influenciam, como os revestimento das paredes, o piso utilizado e a cobertura da edificação. No entanto, ao alcance de um design estratégico, considerando a realidade financeira das famílias, uma boa acústica pode ser facilmente conseguida com uso de tapetes e cortinas.

Na decoração, é salutar pensar na valorização do artesanato local (Figura 5). Uma comunidade carente, em que muitos vivem de sua própria arte, seja em desenho, pintura, escultura, sendo que a procura por produtos artesanais exprimem originalidade e é um seguimento em crescimento, estimulando assim, o desenvolvimento e crescimento econômico nesse setor, ao passo que é

possível utilizar da própria mão-de-obra da comunidade para compor quadros e objetos de decoração nos ambientes.



Figura 5: Macramê, flâmulas e palha na decoração. Fonte: Arquivo Pessoal designer Tamires Peres. Campo Grande, 2021.

Nas etapas de projeto de habitações sociais, deve ser levado em consideração o uso de materiais econômicos e acessíveis, com boa qualidade (durabilidade), evitando desperdícios. O fato de minimizar o impacto ambiental, desde a construção civil até o projeto de design de interiores e utilização do cliente final, engloba diversos aspectos ligados à sustentabilidade.

Um grupo populacional que possui a oportunidade de ter uma moradia nos moldes da pesquisa em pauta, não dispõe de condições de fazer grandes investimentos no design de interiores, no entanto a cultura e identidade locais, atrelados ao sentimento de pertença desenvolvido na comunidade, e estratégias sustentáveis, podem intervir na composição residencial. Dessa forma, a ambientação da casa caracteriza as raízes do sujeito, buscando traduzir seus sonhos e desejos, com a valorização das pessoas, buscando seu desenvolvimento socioeconômico, e materiais disponíveis na comunidade, priorizando ideais sustentáveis.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, D. C. **Aproveitamento de Águas Pluviais em Habitações de Interesse Social – Caso: “Minha Casa Minha Vida”**. In: Universidade Estadual de Feira de Santana, agosto, 2010, Feira de Santana. Disponível em: <http://civil.uefs.br/DOCUMENTOS/DANIEL%20C%C3%94R->

[REA%20CARDOSO.pdf](#). Acesso em: 30 de maio de 2020.

CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São PauloPaz e Terra, v. 2, 2008.

CIANCIARDI, Glaucus. **Psicologia para decoração**. Revista Mente e Cérebro, n. 204, Jan. 2010. Disponível em: <https://revistamentecerebro.uol.com.br>. Acesso em: 24 out. 2019.

GURGEL, Miriam. **Projetando espaços: guia de arquitetura de interiores para áreas residenciais**. São Paulo: Senac, 2013.

LEITE, I. S.F.; PORTO, A.C.F.S. **Reaproveitamento de água nas habitações de interesse social**. Anais do evento - Conigran 2020. Campo Grande. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/conigran2020/270128-reaproveitamento-de-agua-nas-habitacoes-de-interesse-social/>. Acesso em 20 junho 2022.

LIMA, Mariana. **Percepção visual aplicada à arquitetura e iluminação**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2010.

MINOWA, C. **Reuso da água**. In: PHD 2537 – Água em Ambientes Urbanos, junho, 2007, São Paulo. Disponível em: <www.pha.poli.usp.br/LeArq.aspx?id_arq=2151>. Acesso em: 20 abril 2020.

MOREIRA, Susanna. **O que é Habitação de Interesse Social**. Disponível em: <https://www.arch-daily.com.br/br/925932/o-que-e-habitacao-de-interesse-social>. Acesso em: 31 maio 2022.

@DESIGNDEINTERIORESBR



A PRIMEIRA E ÚNICA REVISTA
BRASILEIRA EXCLUSIVA SOBRE
DESIGN DE INTERIORES.